

COMO DESENVOLVER UM TRABALHO MULTIDISCIPLINAR  
CONTEXUALIZADO COM A CULTURA E A HISTÓRIA  
LOCAL DOS ESTUDANTES UTILIZANDO COMO  
FERRAMENTA A TEORIA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO



## Guia didático

# LEITURA DA CULTURA E HISTÓRIA LOCAL DAS CIDADES BRASILEIRAS

GUIA DIDÁTICO PARA PROFESSORES

Ana Carolina Ribeiro Sandroni dos Santos  
Jocyare Cristina Pereira de Souza

2021

# LEITURA DA CULTURA E HISTÓRIA LOCAL DAS CIDADES BRASILEIRAS

GUIA DIDÁTICO PARA PROFESSORES

ANA CAROLINA RIBEIRO SANDRONI DOS SANTOS  
JOCYARE CRISTINA PEREIRA DE SOUZA



## CRÉDITOS

Autoria Ana Carolina Ribeiro Sandroni dos Santos  
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0720046382064121>  
E-mail: [carolsandroni@gmail.com](mailto:carolsandroni@gmail.com)

Coautoria e orientação Profa. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6971092838621749>  
E-mail: [jocyare.cristina5@gmail.com](mailto:jocyare.cristina5@gmail.com)

Arte da capa e Diagramação da autora

### Dados institucionais

#### **LEITURA DA CULTURA E HISTÓRIA LOCAL DAS CIDADES BRASILEIRAS GUIA DIDÁTICO PARA PROFESSORES**

#### FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR

S237I Santos, Ana Carolina Ribeiro Sandroni dos  
Leitura da cultura e história local das cidades brasileiras / Ana Carolina  
Ribeiro Sandroni dos Santos, Jocyare Cristina Pereira de Souza. Três  
Corações, 2021.  
65 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR.  
Mestrado profissional em Gestão, Planejamento e Ensino.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. História local. 3. Educação básica. 4.  
Semântica histórica. I. Souza, Jocyare Cristina Pereira de. II. Universidade Vale  
do Rio Verde – Unincor. III. Título.

CDU:37:94(81)

Ficha catalográfica elaborada por Vital Lins – CRB 6/3008

Três Corações  
2021

# FICHA TÉCNICA DO PRODUTO

Este produto é fruto da pesquisa de mestrado intitulada **CULTURA E HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL NOS PROCESSOS DE (RE)NOMEAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS: UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE LEITURA SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA**, desenvolvida no Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino, na linha de pesquisa Formação de Professores e Ação Docente da universidade Vale do Rio Verde – UninCor.

<b>Nível de ensino a que se destina o produto</b>	Toda a Educação Básica, desde que o professor conheça sua turma, seus conhecimentos prévios e faça as adequações pertinentes.
<b>Área de conhecimento</b>	Língua portuguesa, atrelada a várias outras por ser uma metodologia multidisciplinar.
<b>Público-alvo</b>	Professores da Educação Básica.
<b>Categoria</b>	Didática na sala de aula.
<b>Finalidade</b>	Subsidiar o trabalho de professores, oportunizando a contextualização do ensino voltado para a cultura e história local dos estudantes utilizando como materialidade linguística textos que contam as histórias das cidades e os processos de (re)nomeação destas. A metodologia mostra-se eficaz para o desenvolvimento de proficiências leitora, escrita e de oralidade, envolvendo várias áreas do conhecimento.
<b>Organização do Produto</b>	A primeira parte do produto contém a apresentação do guia, orientações aos professores, competências, habilidades e conteúdos contemplados, além de instruções sobre a avaliação. A segunda etapa traz a metodologia do trabalho com exemplos e passo a passo para sua execução.
<b>Disponibilidade</b>	Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido o uso comercial por terceiros.
<b>Divulgação</b>	Divulgação Impressa/digital (Disponível em Repositório Institucional da UninCor: <a href="https://drive.google.com/file/d/10CmTUhsbU1vJwa4q8wwMsBwbxOQu93XU/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/10CmTUhsbU1vJwa4q8wwMsBwbxOQu93XU/view?usp=sharing</a> )
<b>Idioma</b>	Português

# RESUMO

Este produto técnico Tecnológico tem por objetivo subsidiar o trabalho de professores da Educação Básica no que concerne ao trabalho sobre a cultura e história local dos estudantes, envolvendo uma metodologia de leitura inovadora, com alicerces na teoria Semântica do Acontecimento de Guimarães (2002; 2007; 2017; 2018). A proposta sugere como materialidade linguística a ser utilizada, os textos que contam as histórias dos municípios, de modo que seja possível analisar os processos de (re)nomeação destes, possibilitando que os professores e alunos possam contar outras histórias, silenciadas ou apagadas nestes textos analisados. O guia traz os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais necessários para que se possa desenvolver o trabalho com estudantes de toda a Educação Básica, desenvolvendo competências e habilidades de leitura, oralidade e escrita de forma contextualizada e multidisciplinar.

Palavras-chave: Ensino. Cultura e História local. Semântica do Acontecimento.

## ABSTRACT

This Technological technical product aims to support the work of Basic Education teachers regarding the work on the local culture and history of students, involving an innovative reading methodology, with foundations in the Semantic Theory of the Happening of Guimarães (2002; 2007; 2017; 2018). The proposal as a pertinent linguistic materiality to be used, the texts that count as stories of the municipalities, so that it is possible to analyze the processes of (re)nomination of these, enabling teachers and students to tell other stories, silenced or erased texts texts platter. The guide brings conceptual, procedural and attitudinal contents so that you can develop work with students throughout Basic Education, developing skills and abilities in reading, speaking and writing in a contextualized and multidisciplinary way.

Keywords: Teaching. Local culture and history. Semantics of the Event.

# APRESENTAÇÃO

---

Este guia aborda como proposta de leitura dentro da perspectiva semântico-enunciativa um trabalho inter e multidisciplinar trazendo a cultura e a história exploradas em várias disciplinas, componentes ou campos de experiências por meio de textos que tratam das histórias de nomeação, ocupação e formação dos territórios em que os estudantes estão inseridos e, em consequência, evidenciando as histórias de ocupação, exploração e formação do território nacional.

O procedimento de leitura, tendo como alicerce a Teoria Semântica do Acontecimento, buscou, nesta metodologia, trazer as histórias que não foram contadas, mas silenciadas ou apagadas, nos textos que contam as histórias dos municípios analisados, evidenciando povos e culturas que constituem as identidades culturais daqueles que ali vivem. Acredita-se que, este procedimento de leitura, aplicado nas escolas de Educação Básica, oportunizará aos estudantes ampliar sua capacidade de uso da língua, motivando seu domínio de habilidades de leitura, análise, escrita e oralidade, com vistas a modificar a atual condição de insuficiência na proficiência leitora dos 50% dos estudantes brasileiros, segundo dados da última avaliação do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), realizada em 2018 e divulgada em 2019 (BRASIL, 2019). Assim, busca-se oportunizar que, além da oportunidade de conhecer realmente os povos e culturas que estiveram presentes desde a época de formação de seus municípios, responsáveis pela constituição de suas identidades culturais, oportunizando uma visão igualitária sobre todos estes, seja possível envolver os estudantes, como protagonistas no processo de pesquisa, análise e discussão, envolvendo várias disciplinas, rompendo assim com o ensino fragmentado.

Este tipo de leitura, vai muito além do que usualmente encontra-se nas escolas, embora faça parte do mais recente documento responsável pelas normatizações do ensino na Educação Básica brasileira, a Base Nacional Comum Curricular, de modo que, sendo uma nova maneira de se abordar o trabalho com esta habilidade, abre perspectiva para resultados distintos por meio da inovação.

Assim, a materialidade linguística sugerida (textos sobre a formação dos municípios e sua história), oportuniza um trabalho multidisciplinar nas escolas e possibilita que os estudantes conheçam outras histórias sobre o surgimento e constituição de seus municípios. Analisando textos que trazem as histórias destes lugares e buscando nos processos de (re)nomeação destes, relações entre palavras presentes no texto e, com outras externas a ele, pode-se construir outros sentidos, outras histórias diferentes da que hoje é contada, tanto sobre cada um dos municípios, quanto sobre toda a nação.

Para atender a este propósito, o Produto Técnico Tecnológico, organizado como um guia didático, possibilita contextualizar o trabalho com a leitura, tendo como temas centrais a cultura e a história local dos estudantes, apresentando duas unidades:



## Unidade

1

Contendo as Competências desenvolvidas na metodologia; Conteúdos organizados em conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais e estratégias de ensino; Avaliação da proposta (o que é, quando, para que e o que exige).

Aos professores

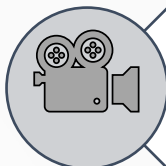
## Unidade

2

Contendo passo a passo para a aplicação da metodologia de ensino da Leitura da Cultura e História local das cidades brasileiras, com a teoria (conteúdos conceituais), estratégias e aplicação (conteúdos procedimentais e atitudinais), exemplos práticos e boxes destinados a professores e alunos para melhor compreensão e dicas.

Aos professores e alunos

Alguns ícones estarão presentes para chamar sua atenção:



Sempre que tiver material áudio-visual



Sempre que o texto for para orientação ao professor



Para saber mais, boxes com acesso a outras informações complementares



Links de acesso “clique aqui”

# Sumário

Ficha Técnica do Produto	I
Resumo	II
Apresentação	III

1

Unidade

Orientação ao professor	06
Competências desenvolvidas: Competências da Base Nacional Comum Curricular	08
Cultura e história local nos campos de experiência e competências específicas	10
Competências de leitura, escrita e oralidade	13
Avaliação	16

2

Unidade

Projeto ATLAS: Atlas dos nomes que contam histórias das cidades brasileiras – origem da metodologia apresentada	19
Conceitos Básicos da Teoria Semântica do Acontecimento	21
Análise Piloto de Formiga-MG – exemplo de aplicação da metodologia de ensino	27
Síntese da sequência semântico-enunciativa da Metodologia de Ensino: Leitura da Cultura e História local das cidades brasileiras	54
Referências	63
Anexos	
Ficha de Avaliação do PTT	69
Ficha de validação do PTT	71





# ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR

O guia didático foi elaborado com o intuito de subsidiar o trabalho dos professores no que concerne ao trabalho com leitura, cultura e história local. A proposta, multidisciplinar parte do pressuposto de que, uma das estratégias que une todas as disciplinas ou componentes curriculares são as linguagens. Desta forma, esta metodologia aborda a análise linguística, na perspectiva semântico-enunciativa, de textos que contam as histórias das cidades.

O primeiro passo é conhecer a metodologia, quais competência atende, quais conteúdos pode envolver e possíveis estratégias para desenvolvê-los. Isto será contemplado no capítulo 1 deste material e possibilitará aos professores se organizarem para executar o trabalho, inclusive buscando parcerias de professores de outras áreas de ensino.

No segundo capítulo, será apresentada a teoria, seus princípios básicos, que devem nortear os encaminhamentos dos professores envolvidos. Neste ponto, será possível ter acesso a vídeos explicativos, complementando o material impresso, além de links e sugestões de textos para saber mais sobre o tema caso queiram se aprofundar. Em seguida, é apresentada uma sequência de aplicação da metodologia, com todos os passos seguindo a teoria que embasou o estudo, *Semântica do Acontecimento*, de Eduardo Guimarães (2002, 2007, 2017, 2018). Cada uma das etapas será exemplificada e detalhada com uma análise piloto realizada pela pesquisadora sobre a cidade de Formiga-MG. Os professores, bem como os alunos terão acesso ao material produzido pela pesquisadora complementando este material, como recursos de vídeos explicativos e áudios de orientação, além de boxes para saber mais com links de textos e ou vídeos de outros estudos sobre o tema. Vale ressaltar que este material produzido de forma piloto, bem como outros materiais produzidos por professores da Educação Básica durante a aplicação deste produto, parte do projeto *ATLAS dos nomes que contam histórias das cidades brasileiras – Vol. 1*, estará disponível para acesso, em plataforma pública, servindo de exemplos aos interessados e, suprimindo a lacuna deixada pelos materiais didáticos utilizados no Brasil sobre o trabalho com a cultura e história local. Ao final deste capítulo, encontrarão a sequência de aplicação da sequência, com sugestões de aplicação em ambientes escolares com alto nível tecnológico, médio nível tecnológico e baixo nível tecnológico (DUDENEY, HOCKLY, PEGRUM, 2016), atendendo a todas as possíveis realidades socioeconômicas do país.

Espera-se que assim, tanto o estudo sobre a cultura e história local dos estudantes, quanto o desenvolvimento de competências de leitura, escrita e oralidade, sejam realizados de forma significativa, contextualizada, partindo daquilo que é de conhecimento e interesse dos alunos, sua identidade histórico-cultural.



1



Unidade

# COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS

## COMPETÊNCIAS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Este material foi elaborado pensando em possibilidades de adaptação para todas as faixas etárias da Educação Básica. Por esta razão, este produto foi aplicado com professores de diferentes segmentos de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Claro que, algumas etapas necessitam que os alunos tenham certas competências já desenvolvidas para serem realizadas por eles de forma autônoma, entretanto, é possível que sejam feitas coletivamente, com a parceria de familiares, garantindo que crianças de todas as idades possam, desde muito pequenas, interagir com textos numa perspectiva muito distante da concepção dicionarizada, mas pensando nos significados de acordo com os acontecimentos de linguagem analisados.

Assim, não serão compartilhadas habilidades específicas de cada faixa etária, mas, de um modo geral, abordam-se as competências contempladas, desde as Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular, até aos Campos de Experiências e Competências específicas dos Componentes curriculares.

### COMPETÊNCIAS GERAIS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Neste documento encontram-se Dez Competências Gerais que devem nortear o trabalho a ser desenvolvido com as crianças e adolescentes inseridos na Educação Básica, algo que será desenvolvido ao longo dos anos de escolaridade. Estas Competências foram definidas a partir dos princípios éticos, estéticos e políticos assegurados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e dos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores essenciais para a vida no século XXI pautados no plano de ações para as pessoas, das Organizações das Nações Unidas (ONU), “Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”.

Nestas Competências Gerais encontram-se fortes indicadores da necessidade do ensino pautado em questões regionais e locais, valorizando a relação da cultura com a humanidade baseado no conhecimento da comunidade, sua cultura histórica, tempo e espaço.

A seguir encontram-se algumas das Competências Gerais oportunizadas neste trabalho com a Metodologia de Ensino da Cultura e História local das cidades brasileiras:

1

**Conhecimento:** aborda a cultura, entre outras questões, como patrimônio construído historicamente e que deve ser valorizado nas escolas com o objetivo de formar cidadãos capazes de “[...] entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p. 9).

2

**Pensamento científico, crítico e criativo:** o estudante é levado a exercitar sua curiosidade intelectual. Esta metodologia utiliza como fonte científica o texto base utilizado como materialidade linguística, mas pressupõe que este seja extrapolado e que os envolvidos hajam como pesquisadores, investigando as causas, relações, testando suas hipóteses iniciais.

3

Repertório Cultural: a metodologia favorece valorização da cultura local por meio da fruição, da vivência e expressão. Favorece a compreensão e valorização das identidades, dos contextos sociais, culturais, históricos e ambientais, desenvolvendo o sentimento de pertencimento e a importância de se oportunizar a identificação e discussão cultural para a compreensão da relevância destas culturas plurais na formação de grupos. Ademais, esta multicultural valorizada desenvolve o respeito às diferenças e os benefícios de se viver e trabalhar em meio a estas.

9

Empatia e cooperação: esta Competência aborda as relações interpessoais, o respeito a todo tipo de diversidade, cultura ou crença. Quando analisada na perspectiva da contextualização do ensino e da necessidade de abordagens metodológicas que valorizem a cultura e história local dos estudantes, regulamenta e sustenta a metodologia, pois, antes mesmo de poderem respeitar ao outro, devem se conhecer, identificar sua origem, as culturas, diversidades e singularidades que o compõe, ampliando para outros povos e regiões.

5

Cultura Digital: o estudante é levado a exercitar sua curiosidade intelectual. Esta metodologia utiliza como fonte científica o texto base utilizado como materialidade linguística, mas pressupõe que este seja extrapolado e que os envolvidos hajam como pesquisadores, investigando as causas, relações, testando suas hipóteses iniciais.

10

Responsabilidade e cidadania: esta competência é oportunizada pela metodologia pois, com a oportunidade de conhecer quais povos e culturas estiveram presentes em suas cidades desde a época de seu surgimento, os estudantes têm condições de agir pessoal e coletivamente com autonomia e responsabilidade para que possam ser mais democráticos, agir com princípios éticos e inclusivos, respeitando, reconhecendo e valorizando a diversidade.

7

Argumentação: muito além de oportunizar às crianças a condição de se colocar, argumentar com base em fatos e evidências, e defender seu ponto de vista, coloca cada um no estado de consciência socioambiental, ciente de sua origem e de sua localidade, reconhecendo as potencialidades e as fragilidades desta, visando condições para futuras ações assertivas, envolvendo as individualidades e o coletivo da sociedade.

De forma geral, praticamente todas as dez Competências, ao serem analisadas em sua redação e interpretadas, prezam por uma educação que valorize o local, a regionalização do ensino, pois, como valorizar o local, contextualizar o ensino sem ao menos ter consciência de sua origem, da história e do tempo de sua nomeação?



Para saber mais sobre as Dez Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular e a progressão destas ao longo dos anos de escolaridade, acessem o material produzido pelo Movimento pela Base em parceria com a organização Center for Curriculum Redesign, a publicação "Dimensões e Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC": [https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2018/03/BNCC\\_Competicencias\\_Progressao.pdf](https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2018/03/BNCC_Competicencias_Progressao.pdf).



# CULTURA E HISTÓRIA LOCAL NOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA E COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS

## 1. EDUCAÇÃO INFANTIL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pressupõe que o ensino deva articular o educar e cuidar, além de prezar pelo acolhimento das vivências das crianças, das famílias e sua comunidade, dando um caráter contextualizado às propostas pedagógicas e vindo ao encontro do que defende esta metodologia.

As aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, que garantem a implementação de seis Direitos de Aprendizagem, logo, seis deveres dos educadores, organizados com base nas Dez Competências Gerais, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se. Estes Direitos permeiam todo o trabalho a ser oportunizado às crianças, que, neste documento está estruturado em cinco Campos de Experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, Gestos e Movimentos; Traços, Sons, Cores e Formas; Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação; e, Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações.

O trabalho com os Campos de Experiências e com os Direitos de Aprendizagem, na concepção trazida pela BNCC e aqui defendida, considera a criança como integral, e, assim sendo, não podem ser pensados de maneira isolada. Os Campos de Experiência se interrelacionam nas experiências que são oportunizadas às crianças e os Direitos de Aprendizagem devem ser o norte do fazer pedagógico do professor.

Assim como as Dez Competências, os seis Direitos de Aprendizagem da Educação Infantil, sugerem o trabalho contextualizado, a valorização da cultura local e regional, bem como a utilização de recursos da natureza próprios dos locais, dos trabalhos regionais, enfim, voltados para a cultura local, tempo e espaço quando, para a individualidade e diferenças das crianças, em seu texto aborda:

“**Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, [...] ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas. [...] Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, [...] Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: [...] Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, [...]** (BRASIL, 2017b, p. 36)

Este trecho salienta a relação da cultura com a humanidade, algo muito além de bens culturais, mas que engloba valores, crenças, costumes, história de um povo, de cada um deles e do coletivo, sua relação com a formação de uma região, da sociedade como um todo, algo oportunizado com o estudo da cultura e história local destas.



## 2. ENSINO FUNDAMENTAL

A etapa do Ensino Fundamental traz o trabalho contextualizado, o documento foi organizado de modo a prever a continuidade do trabalho em forma de espiral, retomando e ampliando aquilo que já foi ofertado de acordo com a faixa etária das crianças, continuando com a valorização das “[...] experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo [...] (BRASIL, 2017, p. 56), por meio das Áreas do Conhecimento, das Competências Específicas para cada uma destas Áreas, de seus Componentes Curriculares e Competências Específicas de cada um dos Componentes.

Em cada um dos componentes específicos das Áreas encontra-se determinações sobre a presença da cultura e história local. Isto fortalece a concepção sobre a interdisciplinaridade, abordando o assunto em todas as disciplinas, divididas nestas Áreas para fins pedagógicos, mas unidas na prática escolar. Confirmando a afirmação, apresenta-se o quadro abaixo com um componente específico de cada área e/ou componente:

Quadro 1 - Competências Específicas e a cultura e história local no Ensino Fundamental

Área/ Componente	Competência Específica
Língua Portuguesa	Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. (BRASIL, 2017, p. 85).
Artes	Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades. (BRASIL, 2017, p. 196).
Educação Física	Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual (BRASIL, 2017, p. 221).
Língua Inglesa	Identificar similaridades e diferenças entre a língua inglesa e a língua materna/outras línguas, articulando-as a aspectos sociais, culturais e identitários, em uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade (BRASIL, 2017, p. 244).
Matemática	Fazer observações sistemáticas de aspectos quantitativos e qualitativos presentes nas práticas sociais e culturais, de modo a investigar, organizar, representar e comunicar informações relevantes, para interpretá-las e avaliá-las crítica e eticamente, produzindo argumentos convincentes (BRASIL, 2017, p. 265).
Ciências	Construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p. 322).
Ciências Humanas	Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p. 355).
Geografia	Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p. 364).
História	Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações (BRASIL, 2017, p. 400).
Ensino Religioso	Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente. (BRASIL, 2017, p. 435).



### 3. ENSINO MÉDIO

A BNCC do Ensino Médio defende que os conteúdos se integrem e se complementem de forma inter e transdisciplinar recorrendo a temas contemporâneos (BRASIL, 2018, p. 19) e dos textos explicativos em cada uma das áreas que a compõem, que são: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Além de deixar clara a possibilidade e necessidade de os municípios e estados construírem seus “[...] currículos e suas propostas pedagógicas, considerando as características de sua região, as culturas locais, as necessidades de formação e as demandas e aspirações dos estudantes” (BRASIL, 2018, p. 471).

A área das Linguagens envolve disciplinas como Arte, Educação Física e Língua Portuguesa, a área da Matemática apenas a Matemática mesmo, Ciências da Natureza e suas Tecnologias envolve as Ciências e suas aplicações, na Biologia, na Química e na Física e, por fim, a área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, envolvendo as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Em cada uma delas apresentam-se competências específicas e habilidades para cada uma destas, onde é possível encontrar os indícios da necessidade de oportunizar um ensino contextualizado com questões locais e regionais, além de considerar os conhecimentos dos alunos, evidenciando a individualidade de cada um destes estudantes, as necessidades destes, de sua comunidade e o respeito para com estas diferenças. Para ilustrar a relação da cultura e história local com todas as áreas, rompendo com a visão fragmentada do ensino, segue o quadro:

Quadro 2 - Competências Específicas e a cultura e história local no Ensino Médio

Área	Competências Específicas
<b>Linguagens e suas tecnologias</b>	<p>Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.</p> <p>Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.</p> <p>Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 481/482)</p>
<b>Matemática e suas tecnologias</b>	<p>Utilizar estratégias, conceitos e procedimentos matemáticos para interpretar situações em diversos contextos, sejam atividades cotidianas, sejam fatos das Ciências da Natureza e Humanas, ou ainda questões econômicas ou tecnológicas, divulgados por diferentes meios, de modo a consolidar uma formação científica geral (BRASIL, 2018, p. 523).</p>
<b>Ciências da natureza e suas tecnologias</b>	<p>Analisar situações-problema e avaliar aplicações do conhecimento científico e tecnológico e suas implicações no mundo, utilizando procedimentos e linguagens próprios das Ciências da Natureza, para propor soluções que considerem demandas locais, regionais e/ou globais, e comunicar suas descobertas e conclusões a públicos variados, em diversos contextos e por meio de diferentes mídias e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) (BRASIL, 2018, p. 539).</p>
<b>Ciências humanas e sociais aplicadas</b>	<p>Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. 2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.</p> <p>Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades (BRASIL, 2018, p. 558).</p>

Fonte: as autoras 2021.

# COMPETÊNCIAS DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE

## 1. EDUCAÇÃO INFANTIL

Como dito anteriormente, na nova organização curricular trazida pela BNCC, os Campos de Experiências não podem ser analisados, nem oportunizados de forma isolada. Nas experiências oferecidas às crianças, sempre mais de um Campo de Experiência está sendo contemplado e a criança se desenvolve integralmente. Nesse contexto, o trabalho com as linguagens, especificamente detalhado no Campo de Experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, está presente em conjunto com outros dependendo dos contextos de aprendizagem criados pelos professores.

No caso da metodologia de ensino da cultura e história local das cidades brasileiras, este Campo de Experiências que trata das linguagens estará sendo trabalhado em todas as etapas, pois, as crianças poderão participar de experiências nas quais possam falar e ouvir, individual e coletivamente, dentro do tema cultura e história local.

“Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores (BRASIL, 2017, p. 40)

Assim, com o apoio do professor, as crianças podem interagir com os textos

que contam as histórias de suas cidades, comentando e discutindo seus sentidos.

## 2. ENSINO FUNDAMENTAL

Na área das linguagens encontram-se competências específicas que serão desenvolvidas com a metodologia aqui apresentada, como:

“1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. [...] 3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação (BRASIL, 2017, p. 63).

Ao se desenvolver uma metodologia de leitura na perspectiva semântico-enunciativa, oportuniza-se aos estudantes refletir sobre o texto, suas palavras e as relações que elas estabelecem dentro de um acontecimento de linguagem, considerando processos políticos, sociais e históricos que envolvem estes acontecimentos de enunciação.

### 3. ENSINO MÉDIO

Na etapa do Ensino Médio, na área Linguagens e suas tecnologias, encontram-se competências específicas potencializadas com esta metodologia, sendo:

- “ 1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.
3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.
4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.
5. Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura corporal de movimento, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.
6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 481-482).

#### 4. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LINGUAGENS NA BNCC E A METODOLOGIA DE ENSINO DA CULTURA E HISTÓRIA LOCAL DAS CIDADES BRASILEIRAS

É imprescindível a necessidade de um estudo contextualizado com a regionalidade das crianças e adolescentes, suas particularidades individualidades, a relação da diversidade cultural existente no Brasil de modo geral e nas regiões, considerando a diversidade dos povos que formam uma sociedade. O pluralismo cultural e histórico deve permear o currículo dos estudantes como ferramenta para compreender a história da humanidade, de uma específica sociedade, região.

Ademais, o procedimento de leitura semântico-enunciativa da teoria Semântica do Acontecimento trazido nesta metodologia, mostra-se presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo contemplado nas competências e habilidades mínimas a serem desenvolvidas com os alunos. A exemplo, na disciplina de Língua Portuguesa, na área das Linguagens, o documento privilegia a abordagem discursivo-enunciativa, estabelecendo a relação das linguagens com os sentidos trazidos em práticas sociais, políticas e históricas, confirmada na primeira competência específica para a área já abordada. Esta competência tem relação íntima com a teoria semântica enunciativa do acontecimento, visando a construção dos sentidos múltiplos.

O texto introdutório do componente Língua Portuguesa da BNCC traz explicitamente a relação pretendida no trabalho com a linguagem, numa perspectiva discursivo-enunciativa, muito próxima daquela defendida nesta metodologia, enunciativa, em que o uso significativo da linguagem diz respeito a não transparência da língua, ou seja, vários sentidos e significados podem ser construídos e então fazer parte do repertório dos alunos.

Assim, a leitura numa perspectiva discursivo-enunciativa presume pensar que comunicar-se, partilhar, construir visões de mundo são atividades intrinsecamente ligadas à linguagem e, conseqüentemente, na relação da língua, falante e história. Por isso, segundo o documento de referência nacional, BNCC, desenvolver um trabalho com a língua só será possível quando a compreendermos em seu uso, numa visão semântico-enunciativa.

O documento estabelece como uma das estratégias e procedimentos de leitura a serem adotados: "Inferir ou deduzir, pelo **contexto semântico** ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas" (BRASIL, 2017, p. 72, grifo nosso), ou seja, é preciso desenvolver com os alunos habilidades de constituição de sentidos, de significação, evidenciando a relação estreita entre a teoria apresentada e a nova forma de enxergar o processo de leitura, escrita e oralidade trazidos pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Os trechos fazem parte da seção sobre Ensino Fundamental, entretanto, compreendendo o documento como organizado de forma em espiral, estes conceitos transcendem este segmento de ensino e devem ser adaptados às demais, seja educação Infantil, seja Ensino Médio. Ademais, o documento, embora oportunize o trabalho com a leitura nesta perspectiva, mais explicitamente no componente de Língua Portuguesa, preza por um ensino interdisciplinar envolvendo as várias áreas do ensino. Assim, a proposta de leitura trazida pela BNCC e endossada pela teoria Semântica do Acontecimento, transcende a modalidade tradicional baseada apenas na opacidade da língua estática, pressupõe uma análise aprofundada sobre os sentidos criados na língua em uso, das condições sociais e históricas.

**“ O que pretendo introduzir neste texto é a perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as (HOFFMANN, 1991, p. 67 apud HOFFMANN, 1994, p. 51)**

Sabe-se que os critérios de avaliação não são estabelecidos de modo dissociado das posições, crenças, visões de mundo e práticas sociais de quem os concebe, mas emergem da perspectiva filosófica, social e política de quem faz o julgamento e que dela são expressão. Os critérios e enfoques assumidos em um processo avaliativo revelam as opções axiológicas dos que dele participam. Tais finalidades da avaliação partem do compromisso com o sucesso escolar como condição e direito de todos rompendo com a concepção de avaliação classificatória e seletiva. Segundo Luckesi (apud SOUSA, 1997), “o ato de avaliar, por sua constituição mesma, não se destina a um julgamento ‘definitivo’ sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois que não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão.” Se queremos mudar a avaliação que é executada numa instituição pelos professores que fazem parte dela, precisamos primeiramente transformar a concepção e crenças que estes têm sobre educação, sobre como os alunos aprendem, pois a avaliação

está diretamente ligada ao pensamento de quem a produz, à filosofia que possuem e como enxergam o processo de ensino-aprendizagem.

É necessário (re)significar o processo avaliativo, evidenciando novas respostas ao “para que” e o “por quem” as informações serão produzidas e utilizadas, rompendo então, com uma prática burocrática. O desafio é buscar a superação de uma concepção de avaliação que se traduz na classificação dos alunos e no controle de seus comportamentos, por meio de relações predominantemente punitivas, que se confunde com “provas” e atribuição de notas ou conceitos pelo professor, em direção a uma avaliação que tem como finalidade contribuir para o processo de apropriação e construção de conhecimentos pelos alunos, em que se reconhecem, como sujeitos, todos integrantes da organização escolar, constituindo-se em um processo abrangente e contínuo, que integra o planejamento escolar em uma dimensão educativa.



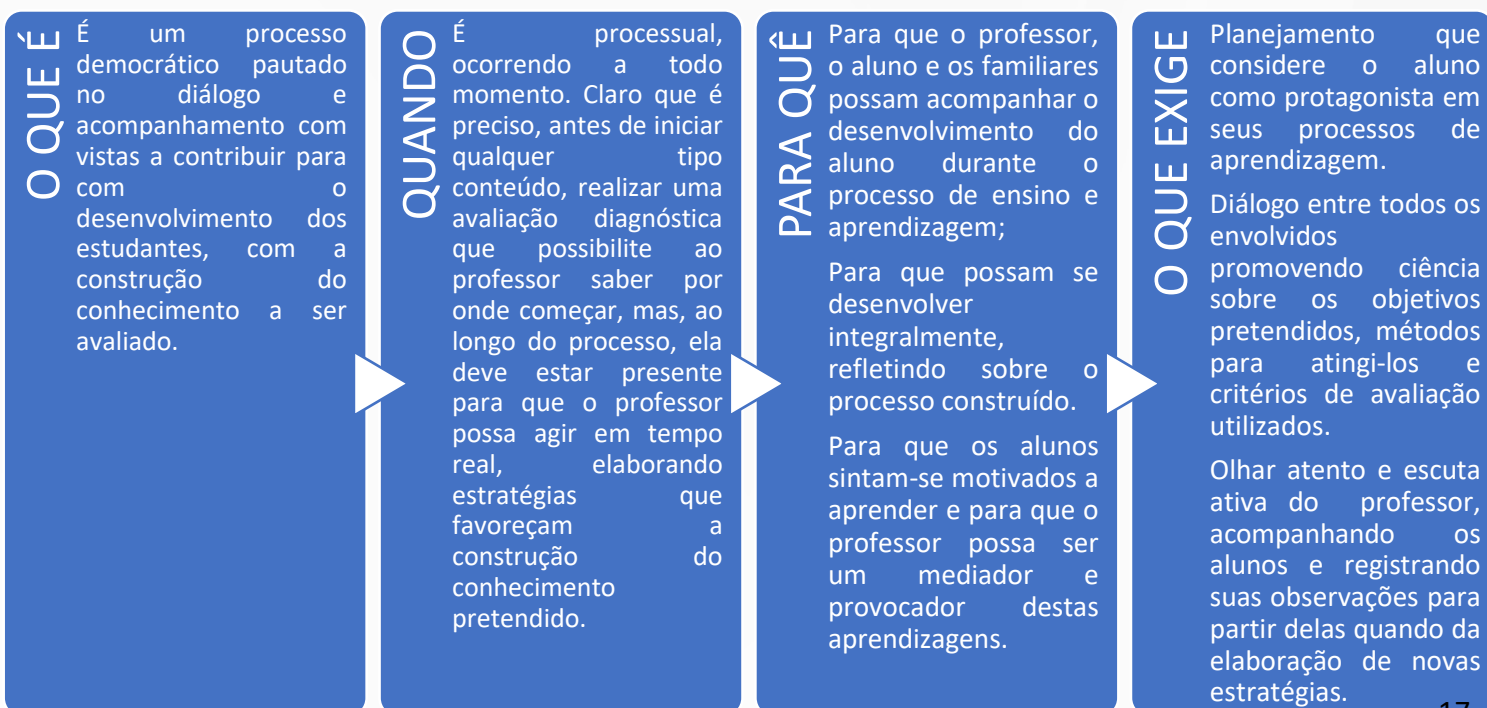
A avaliação não pode ser compreendida como um fim do processo educacional e sim como um meio para que ele aconteça. Uma avaliação mediadora e democrática deve atender às necessidades de todos os envolvidos e deve ser formatada e elaborada (aplicada) com a participação de todos. Não basta o professor avaliar, o aluno deve participar deste processo de avaliação (por meio da auto-avaliação, por exemplo), a família deve participar, seja por depoimentos, seja por sugestões, seja por reuniões em três vias, discutindo e analisando junto com a escola e os alunos os processos vividos por todos.

O tipo de avaliação aqui pretendido deve ser pautada no diálogo e no acompanhamento do aluno, no sentido abordado por Hoffmann (1994), em que o diálogo transcende a conversa enquanto comunicação verbal e muitas vezes nem precisa desta. É algo mais amplo e mais complexo e supõe uma reflexão sobre sua própria realidade e como a fazem e refazem. Já o acompanhamento, muito além do estar próximo, significa acompanhar o processo de construção do conhecimento do aluno e utilizar de estratégias pra favorecê-lo, com orientações, sugestões de leituras complementares, tarefas, novas explicações, instigando sua capacidade de investigação, de busca por conhecimento e estratégias para solucionar seus problemas. Desta forma, o professor deve ser aquele que oportuniza experiências e vivências significativas, que reflete sobre como se dá a compreensão de seus alunos, suas aprendizagens, possibilitando a reflexão sobre este processo construído. Neste sentido,

**“ a avaliação, enquanto relação dialógica, vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão (HOFFMANN, 1994, p.54).**

Assim, a avaliação necessita apresentar caráter estimulador ao desenvolvimento do aluno. O professor, deixa de ser o transmissor de conhecimentos e se transforma em um provocador do processo de construção de conhecimentos, alguém que propicie ao aluno a análise de sua própria produção, a partir da crença em sua possibilidade de aprender.

Segue abaixo uma síntese das ideias que fundamentam o processo de avaliação sugerido:







2



Unidade

# PROJETO ATLAS

ATLAS DOS NOMES QUE CONTAM HISTÓRIAS DAS CIDADES BRASILEIRAS – ORIGEM DA METODOLOGIA APRESENTADA

A Metodologia de Ensino: Cultura e História local das cidades brasileiras foi desenvolvida como fruto de uma pesquisa de Mestrado intitulada **CULTURA E HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL NOS PROCESSOS DE (RE)NOMEAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS: UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE LEITURA SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA**. Esta pesquisa, desenvolvida na Universidade Vale do Rio Verde – UninCor, tem aderências em nível Nacional e Estadual que merecem destaque, fazendo parte de um projeto, denominado Atlas que surge, inicialmente, de estudos referentes às análises linguísticas dos processos de (re)nomeação tendo como embasamento a teoria Semântica do Acontecimento, desenvolvida pelo pesquisador Eduardo Guimarães (2002; 2007; 2017; 2018) na Universidade Estadual de Campinas, UniCamp. Nesta universidade, o grupo de pesquisas coordenado pelo pesquisador Eduardo Guimarães desenvolve estudos linguísticos dentro da teoria Semântica do Acontecimento com foco na enunciação e constituição dos vários sentidos dos enunciados, considerando os acontecimentos memoráveis destes.

No Estado do Mato Grosso, em 2016, estudos desenvolvidos a partir das atividades do Projeto de Pesquisa – Nomes Próprios: Estudos de Significação e Atlas dos Nomes que Dizem das histórias das Cidades Brasileiras, ligados ao Centro de Estudos e Pesquisa em Linguagem (CEPEL), às linhas de pesquisa: Estudos de Processos Discursivos e Estudos de Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), que tratam dos estudos das relações entre línguas, história e espaços urbanos enquanto constituição, deram origem ao primeiro livro do Projeto: Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras: um estudo semântico enunciativo do Mato Grosso, organizado e coordenado pelo pesquisador Taisir Mahmudo Karim na Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) e parceiros.

Este projeto já produziu três volumes do Atlas em Mato Grosso, cada um composto por artigos que têm como base estudos enunciativos e discursivos que analisam os acontecimentos de [re]nomeação das cidades mato-grossenses, originando um Atlas da historicidade constitutiva dos nomes da História do Brasil e do Estado de Mato Grosso.



**Para saber mais sobre o projeto Atlas no mato Grosso, segue o título dos três livros:**



Em Minas Gerais, estes estudos linguísticos pautados na Semântica da Enunciação, em específico, na Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2002), originaram o Projeto Atlas dos nomes que contam a história das cidades brasileiras mineiras (Vol. 1). Neste projeto, cada pesquisador, desenvolve estudos relacionados aos processos de (re)nomeação de cidades mineiras utilizando como materialidade linguística textos que contam a história destas cidades. As análises buscam evidenciar os processos de ocupação, exploração e formação do território nacional e das cidades analisadas, evidenciando a cultura e os povos que fizeram ou fazem parte de sua formação, partindo da análise de um texto publicado em fonte oficial da cidade, preferencialmente o site oficial desta.

O Projeto Atlas em Minas Gerais, embora seja linguístico, diferentemente do proposto no Mato Grosso, se desloca deste lugar estritamente linguístico, com área de concentração em Linguagem e suas Tecnologias, para o Ensino, com foco na Educação Básica, propondo a análise semântico-enunciativa aplicada neste contexto. Este Projeto, coordenado pela pesquisadora Professora Doutora Jocyare Souza da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR) está alocado no Programa de Mestrado Profissional Gestão, Planejamento e Ensino, na linha de Pesquisa Formação de Professores e Ação Docente que tem como foco o processo de formação de professores e seu papel no sistema educacional, considerados nos contextos histórico, político, cultural e social. Esta linha de pesquisa busca estudar a prática docente no desenvolvimento e implantação de projetos e processos na área de ensino, presenciais e à distância, no uso de material didático e de novas tecnologias, além de desenvolver competências e habilidades para planejar, elaborar materiais educacionais, programar, implantar e avaliar o cenário multicultural do espaço

**Para saber mais sobre o Projeto ATLAS, pesquisar por Grupo ATLAS e PROJETO ATLAS EM MINAS GERAIS**



escolar, articulando projetos aos processos educacionais de aprendizagem formal e não formal.

Assim, a metodologia aqui apresentada, discute à luz de referenciais teóricos como Guimarães (2002; 2007; 2017; 2018) e Karim (2012) e, de documentos norteadores do Ensino como a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (BRASIL, 2017a), Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017b; 2018), Currículo Referência de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2018), entre outros, a formação continuada docente enquanto facilitadora do processo de ensino aprendizagem, alicerçada em concepções atuais de ensino, com vistas à formação integral dos alunos. Procura-se ainda, estudar a figura do professor, a sua postura, a sua importância no processo educativo e os procedimentos que poderão facilitar mudanças nas práticas pedagógicas, as quais, podem permitir que o professor se torne um poderoso agente de transformação.

# CONCEITOS BÁSICOS DA TEORIA

SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO – GUIMARÃES (2002; 2007; 2017; 2018)

A teoria que embasa as análises desta metodologia é a Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2002; 2007; 2017; 2018) e, é necessário conhecê-la para que se compreenda sua escolha como fundamentação desta. Estes conceitos fazem parte dos conteúdos conceituais oportunizados neste guia.

Inicialmente, é preciso considerar que, nesta metodologia, aborda-se como materialidade linguística textos que contam a história das cidades e que estão publicados em suportes/repositórios oficiais do municípios.

Mas o que é texto?

Tudo aquilo que produz um sentido, é um texto. Ex.: Uma palavra pode ser um texto; um texto escrito é um texto; uma música é um texto; uma imagem; números; arquitetura; etc.



Quantos sentidos essa imagem carrega? São números que significam muitas questões sociais e históricas. Significam um valor acessível, significam que neste estabelecimento encontraremos vários itens de uso cotidiano para comprar; significa ainda que, atualmente, com a alta dos preços, quase nada dentro deste estabelecimento terá realmente este valor. Por isso, \$1, 99 é um texto.

Assim, segue-se para outros conceitos fundamentais para as análises desta metodologia, por exemplo, é preciso considerar que a leitura na perspectiva enunciativa não tem foco nas decodificações. Ela considera o funcionamento da linguagem pensado nas condições em que os acontecimentos enunciativos se produzem.

Acontecimento?

O acontecimento na linguagem se constitui pelo funcionamento da língua quando se diz algo, se enuncia algo, pelas relações dela com o sujeito que diz; é quando se atribuem sentidos pelas relações da temporalidade no momento do dizer e ainda se constitui pelas relações com o real - simbólico.

Um acontecimento de linguagem não diz respeito a algo cronológico, temporal, mas sim nas relações que permeiam o enunciar, no momento em que foi dito, considerando relações com o real e afetados pelos simbólicos, por exemplo, ao dizer "cadeira", atribui-se a esta palavra alguns sentidos, como o de sentar, é algo real, concreto. Já a palavra unicórnio, diz respeito a um ser místico, não é real para todos, não existe, é simbólico, mas atribui-se sentidos a ela, como a imagem de um cavalo com chifre, um ser mitológico e mágico. Por isso a palavra traz uma textualidade que repercute a realidade social, cultural e linguística (DIAS, 2018).

## MEMORÁVEL

Outro conceito importante é o de memorável. Um acontecimento vem sempre permeado por um memorável pois, a Semântica do Acontecimento analisa a linguagem a partir do acontecimento que temporaliza, isto é, a temporalização do presente do acontecimento é constitutiva do passado, presente e futuro e isso a faz um acontecimento histórico, dado em sua temporalidade própria e específica, mas ao mesmo tempo, abrindo perspectivas de sua futuridade, de possibilitar outros sentidos. Assim, todo dizer é um acontecimento de linguagem constituído da historicidade própria do acontecimento que recorta em si um memorável, não como história cronológica, mas como enunciações já ditas em outros acontecimentos que se fazem presentes nesse acontecimento, abrindo assim sua latência de futuridade, independentemente, de questões cronológicas, mas por serem constitutivas de sentidos político, histórico e social (KARIM, 2012).



[https://br.freepik.com/vetores-premium/pessoas-positivas-diante-do-novo-normal\\_9445311.htm](https://br.freepik.com/vetores-premium/pessoas-positivas-diante-do-novo-normal_9445311.htm)

Esta expressão que hoje ganhou o mundo, traz consigo um memorável. O novo normal, hoje significa algo "diferente", mas retoma o significado passado de rotina, deslocando esse sentido passado para o atual que supõe uma "nova rotina", uma "rotina diferente" e abre perspectivas para novos sentidos futuros.

Assim, como essa expressão, a análise piloto apresentada como exemplo neste guia mostrará, em cada uma das três versões para o nome da cidade de Formiga-MG, que foi analisada, um memorável específico e único daquele momento de dizer.

Para a constituição dos sentidos, outro conceito utilizado nas análises, está relacionado aos espaços de enunciação e ao político na linguagem. Os espaços de enunciação são os lugares de funcionamento de línguas habitados por falantes, são falantes divididos por seus direitos e modos de dizer, ou seja, é um espaço político. A cena enunciativa por Guimarães, "[...] se constitui pelo agenciamento do falante a dizer. O agenciamento do falante o divide na cena em lugares de enunciação: o daquele que diz (Locutor), o lugar social de dizer (alocutor), e o lugar de dizer (enunciador)" (2018, p. 71), agenciando desta forma o lugar social de onde as figuras enunciativas enunciam. Dias (2018), aborda o acontecimento enquanto uma existência social, relacionando o contexto posto pela cena enunciativa de Guimarães (2018), ampliando seu conceito para a questão do compartilhamento e usos pela sociedade.

Tomando os textos utilizados nas análises, textos que contam a história das cidades, publicados em meios oficiais, deve-se refletir sobre algumas questões:



**Quem enuncia?  
Qual seu lugar de  
fala?  
Qual o lugar social de  
sua fala?**

**Quem foi autorizado a dizer em nome  
de todos os moradores? Esta pessoa  
fala em nome de todos, colocando suas  
vivências em suas falas e, seu lugar  
social de fala, pode dizer qualquer  
"coisa"? Não, é um texto oficial.**

## **O POLÍTICO NA LINGUAGEM**

Estes conceitos de cena enunciativa remetem ao político na linguagem. Segundo Guimarães (2018, p. 211), o processo de nomeação e renomeação das cidades, nesta metodologia, "[...] funciona segundo caráter político da enunciação", ou seja, o Locutor que fala, agenciado por um lugar social de dizer enuncia o que em seus discursos? De que lugar do dizer se nomeia? Estas questões são evidenciadas na leitura enunciativa destas narrativas históricas e estabelecem as relações de sentido entre os nomes e o lugar, sua cultura.

Assim, buscando nas narrativas das histórias das cidades, num processo de leitura sobre as (re)nomeações dessas e todo o cenário político, social, econômico e histórico presente em cada uma, consegue-se contar outras histórias que marcam o processo de ocupação, exploração e formação desses lugares, bem como do território nacional, trazendo as culturas que hoje formam as várias identidades do povo brasileiro.

O político supõe a  
reflexão ao lado e  
sempre leva a  
uma disputa pelo  
falar, quem está  
autorizado a  
dizer? Quem diz?

Lugar de onde se fala?  
Quem fala?  
Quem são os falantes?  
Qual seu lugar de dizer?  
Disputa do falante pelo dizer.

Por exemplo, ao enunciar "Eu decreto". Quem pode realmente "decretar"? O prefeito é quem pode, assim, o que ocorre quando alguém do senso comum diz "Eu decreto"? Esta pessoa, toma o lugar de um prefeito para instituir o sentido de "ordenar", de uma forma até "brincalhona", pois não tem este direito, apenas o prefeito decreta. Aí ocorre a disputa do falante pelo dizer.



Esta metodologia surge com a intenção de dar vez e voz para todos. Para que todos enunciar. Nessa perspectiva do político na linguagem, pretende-se trazer uma nova roupagem, dando oportunidade de fala para todos aqueles que foram silenciados ou apagados, para que a história não morra com eles (ao abordar silenciamento ou apagamento neste estudo, traz-se a reflexão de Eni Pulcinelli Orlandi -1995, da análise do discurso, haja vista a relação inicial da Semântica do Acontecimento, quando ainda era discursivo-enunciativa, com a teoria análise do discurso). Imaginem um senhorzinho que vive na zona rural da cidade estudada, conhecedor de muitos acontecimentos relevantes para a constituição dos povos e culturas que fizeram e fazem parte da formação de sua cidade, se não for ouvido, levará consigo todo seu conhecimento. Assim, essa mudança é pretendida.

## **TRANSVERSALIDADE**

Todos esses conceitos estarão presentes nas análises desta metodologia e serão melhor exemplificados na análise piloto apresentada sobre a cidade de Formiga-MG. A metodologia, como dito, faz uso da materialidade linguística de textos que contam a história das cidades. Estes textos são analisados com base numa perspectiva de leitura semântico-enunciativa e, num processo de transversalidade, possibilita a constituição dos sentidos presentes no texto e da evidenciação de outras histórias, silenciadas ou apagadas nestes textos tomados inicialmente.

Este movimento de transversalidade analisa as relações entre as palavras (enunciados) dentro do texto analisado (transversalidade endógena) e com outros textos para os quais é preciso migrar (transversalidade exógena) para que os sentidos sejam constituídos, considerando a temporalidade instaurada no acontecimento do dizer.

Os textos serão analisados, buscando recortes, fragmentos do

acontecimento de enunciação, muito longe da linearidade textual. Estes recortes serão descritos e interpretados e a descrição é relacionada ao seu funcionamento no texto em que está inserido, considerando um movimento de sentidos no texto, buscando uma interpretação do sentido do recorte na relação com este texto. Estes sentidos instituídos na temporalidade específica instaurada pelo funcionamento do texto podem ser acrescidos de outros fragmentos do texto analisado ou de outros textos, caso seja pertinente. Estes outros fragmentos, da mesma forma como o primeiro, deverão ser descritos e ter seus sentidos interpretados na relação com o texto em que estão integrados, pois trazem seu funcionamento, tendo em vista a interpretação feita no recorte anterior. Este procedimento de análise, buscando recortes/fragmentos de textos, pode se repetir até que a compreensão se mostre suficiente para constituição dos sentidos pretendidos, sentidos múltiplos, no caso desta metodologia, para a constituição das histórias que eles contam sobre o processo de formação e constituição dos municípios.

A atribuição dos sentidos aos textos e aos seus elementos, utilizando-se do procedimento de análise de textos de Guimarães, tomando-se recortes e suas descrições, considerando as relações de funcionamento destes recortes nos textos em que estão inseridos, seguem a posição teórico metodológica da semântica da enunciação, considerando os conceitos já abordados neste estudo sobre temporalidade, memorável, cena enunciativa e transversalidade. Deste modo, os sentidos que serão instituídos nas análises de textos sobre os processos de (re)nomeação dos municípios, partindo dos recortes dos textos que contam suas histórias, se fazem a partir desta posição teórica, em que, “[...] não se trata de decodificação, trata-se de considerar o funcionamento da linguagem pensado nas condições em que os acontecimentos enunciativos se produzem” (GUIMARÃES, 2017, p. 60).

## NOMEAÇÃO

Para que possa se compreender como então eleger os recortes que devem ser descritos e interpretados para a interpretação dos sentidos dos textos que contam as histórias dos municípios, dois procedimentos próprios do acontecimento, do texto, serão utilizados e por isso, conceituados: reescrituração e articulação (GUIMARÃES, 2002; 2007; 2017), sendo o maior foco das análises, a reescrituração. Antes, porém, como o trabalho tem foco no processo de nomeação e renomeação dos municípios, vale descrever o que estes processos significam na teoria Semântica do Acontecimento. Para Guimarães, “a nomeação é o funcionamento semântico-enunciativo pelo qual algo recebe um nome” (2002, p. 9). Isto é, nomear algo no mundo, no caso desta análise, um município, é dar-lhe identidade, ou seja, é constituir sua existência histórico-social, (KARIM, 2012, p. 78).

Desta forma, a designação de um nome deve ser compreendida como um movimento histórico construído na enunciação. Guimarães reforça esta afirmação dizendo que “[...] é inseparável, do funcionamento e sentido do nome próprio, o acontecimento que o tornou nome próprio para algo”, pois, a língua funciona no acontecimento e pelo acontecimento (2002, p. 22), estabelecendo as relações sócio-históricas existentes no acontecimento, ou seja, em um certo acontecimento específico em que um nome funciona, esta nomeação é recortada como um acontecimento memorável por suas temporalidades. Deste modo, ao analisar os processos de (re)nomeação dos municípios, nos textos que contam suas histórias, observa-se o movimento semântico que constrói as relações designativas dos nomes enunciados.

## DESIGNAÇÃO



**Links para acessar gravação de apresentação dos conceitos básicos da teoria:**

[https://drive.google.com/file/d/15n7EAV9-f\\_zMK3WEntot51EaWuCrWSu-/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/15n7EAV9-f_zMK3WEntot51EaWuCrWSu-/view?usp=sharing)

ou

<https://www.youtube.com/watch?v=ubo4qyhZSVY&t=997s>

Os nomes de lugares passam por inúmeros processos de (re)nomeação, e o modo como os enunciados trazem as renomeações de um nome/lugar ao longo de um processo histórico, político e social dão o sentido de unicidade, de identidade e de formação deste nome/lugar (KARIM, 2012). Ao tomar como análise recortes de textos que trazem a história de formação e nomeação de um lugar, a semântica enunciativa buscará evidências dentro do próprio texto, salientando formas de trazer o nome do município e as relações políticas, sociais e históricas que estas formas carregam, sendo que, como já explícito anteriormente a respeito da transversalidade, poderá ser preciso buscar em outros textos, outros recortes para descrever e interpretar os sentidos que complementam esta temporalidade, este acontecimento de dizer, instituindo os vários sentidos, sentidos outros, outras histórias, abrindo perspectivas para sentidos novos em outros acontecimentos.

Assim, compreendendo os conceitos de nomear e designar, parte-se para os conceitos de articulação e reescrituração, dois funcionamentos gerais próprios do acontecimento e utilizados nos modos de relações enunciativas da teoria Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002; 2007; 2017; 2018).

### Reescrituração

- Redizer/reescrever o que já foi dito. Para confirmar, no caso de análises sobre os processos de (re)nomeação, perguntar: “A cidade já foi nomeada desta forma? Foi chamada ou enunciada dessa maneira?”
- Ex.: Formiga -> Vila do Rio Formiga

### Articulação

- Relações mais próximas entre as palavras, formas como elas funcionam no texto produzindo sentidos por predicação, complementação, caracterização, por dependência, coordenação, incidência, entre outras.
- Ex.: Formiga -> Picada de Goiás. Goiás estabelece uma relação de articulação com Picada, caracterizando-a.

Os processos históricos de (re)nomeação de lugares, surgindo como povoados, vilas, transformando-se em cidades, carregam histórias por vezes apagadas ou silenciadas sobre os povos que constituíram o lugar e as culturas que trouxeram consigo. Segundo Guimarães (2018, p. 211), “[...] o processo de nomeação e renomeação funciona segundo caráter político da enunciação”, ou seja, o Locutor que fala, agenciado por um lugar social de dizer enuncia o que em seus discursos? De que lugar do dizer se nomeia? Estas questões são evidenciadas na leitura enunciativa destas narrativas históricas e estabelecem as relações de sentido entre os nomes e o lugar, sua cultura.

Assim, buscando nas narrativas das histórias das cidades, num processo de leitura sobre as (re)nomeações dessas e todo o cenário político, social, econômico e histórico presente em cada uma, consegue-se contar outras histórias que marcam o processo de ocupação, exploração e formação desses lugares, bem como do território nacional, trazendo as culturas que hoje formam as várias identidades do povo brasileiro.

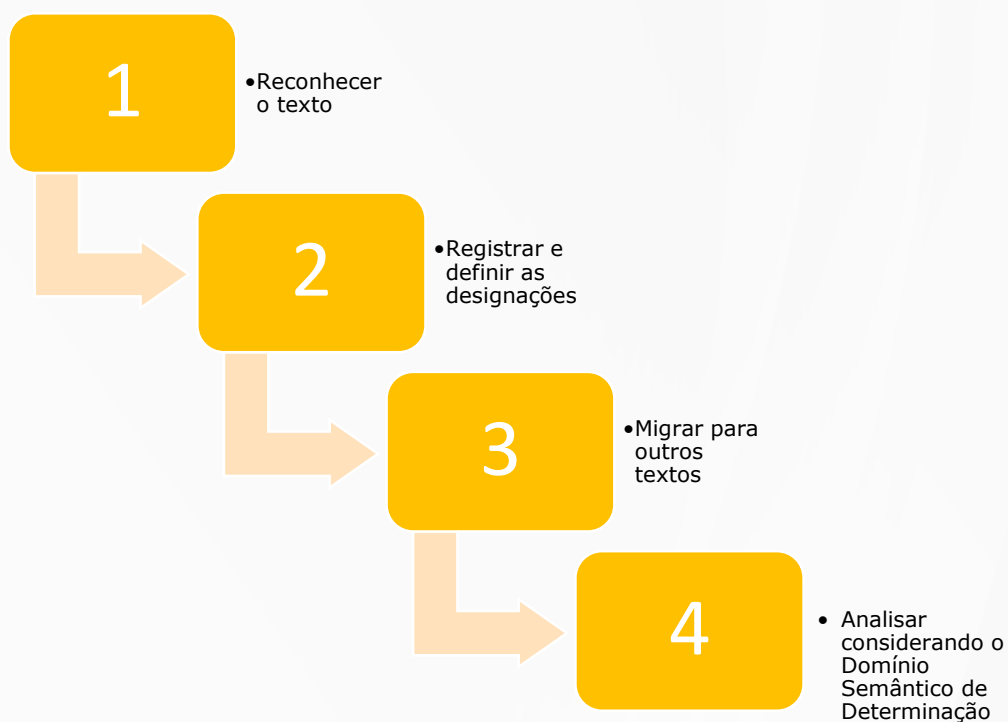
# ANÁLISE PILOTO DE FORMIGA-MG

## METODOLOGIA APLICADA NA ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DOS PROCESSOS DE (RE)NOMEAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FORMIGA-MG

Nesta seção será exemplificada a aplicação da metodologia de ensino: Leitura da Cultura e História local das cidades brasileiras realizada pela pesquisadora no município de Formiga-MG em fevereiro de 2021. As etapas descritas enquadram-se nos conteúdos procedimentais, pois pressupõem uma ação dos envolvidos e, conteúdos atitudinais, na medida em que agem sobre o objeto de conhecimento, constroem seus conhecimentos acerca da metodologia e da cultura e história local, possibilitando mudanças de atitudes frente a leitura de textos e reconhecimento de suas identidades culturais.

Importante considerar que em cada passagem trazida pelos anos do processo de formação dos municípios, pelos nomes que vieram estabelecendo, povos e culturas distintas mostram-se presentes. Ler observando estas relações de litígio político trazidas pelos acontecimentos destas nomeações é que evidenciará o quanto o estudo destes nomes é capaz de mostrar histórias de um povo por meio da relação designativa de seus nomes, considerando suas reescrituras e articulações, relações presentes dentro dos textos em funcionam os enunciados recortados para as análises.

A metodologia segue os passos trazidos pelo autor Eduardo Guimarães (2007; 2017; 2018):



Estas etapas serão descritas e exemplificadas a seguir.

1

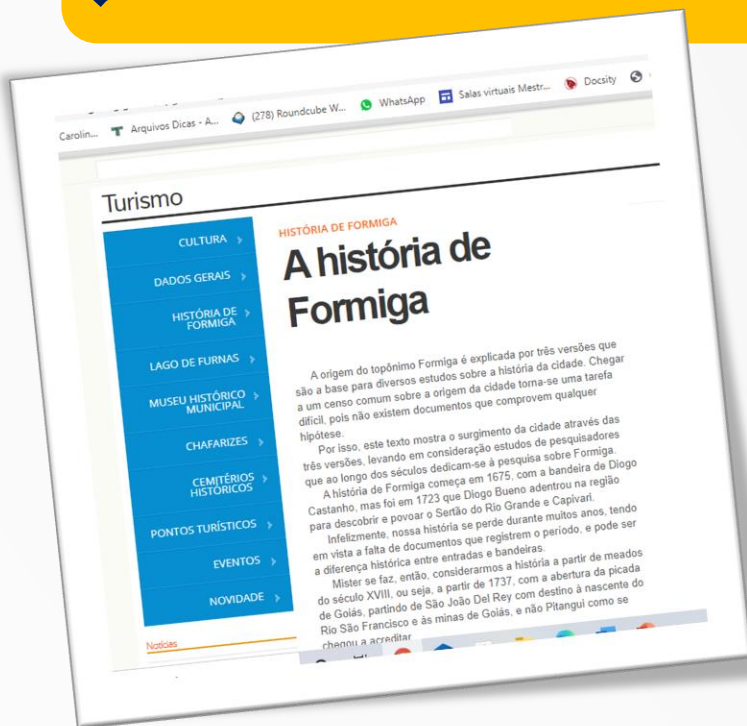
RECONHECER O TEXTO

A busca deve ser feita em sites oficiais, sejam das prefeituras ou, caso estas não possuam história publicada, em sites como IBGE. Busca-se o texto e realiza-se a leitura deste na íntegra. Na análise piloto sobre a cidade de Formiga-Mg foi utilizado o site oficial desta:



<https://www.formiga.mg.gov.br/>

No site, direcionar-se para a aba "turismo" e em seguida "História de Formiga"



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, online.

Nesta etapa busca-se reconhecer o texto base da análise. Deve-se localizá-lo e realizar a leitura na íntegra

Os objetivos desta etapa são:

- Reconhecer o texto selecionado para a pesquisa, realizando leitura deste, disponibilizado no site oficial da prefeitura contando a história do município: pesquisa realizada no site oficial da prefeitura do município ou no site oficial do IBGE; para aqueles que não possuem informações em seus sites;
- Realizar pesquisa em meios tecnológicos ou não, fazendo uso de habilidades relacionadas ao letramento em pesquisa e letramento em informação.



Quando esta etapa for aplicada com os estudantes, estes podem e devem ser orientados sobre como buscar os textos oficiais e onde. O que são textos oficiais e quais são as fontes seguras as quais podem recorrer. Este tipo de orientação desenvolve o Letramento em Pesquisa e em informação. Para saber mais, o livro: Letramentos Digitais de Dudeney, Hockly e Pegrum da Parábola Editorial, 2016.





2

REGISTRAR E DEFINIR AS DESIGNAÇÕES

Os nomes de lugares passam por inúmeros processos de (re)nomeação, e o modo como os enunciados trazem as renomeações de um nome/lugar ao longo de um processo histórico, político e social dão o sentido de unicidade, de identidade e de formação deste nome/lugar (KARIM, 2012).

Assim, este segundo passo pressupõe que, seja feita uma releitura do texto, para que se selecione trechos, parágrafos que serão minuciosamente analisados (todos os trechos ou alguns), sublinhando neles palavras ou expressões (reescrituras ou articulações) que respondam às perguntas:

Que povos estiveram ali?  
 Que cultura instituíram ou instituem?  
 Quais outros nomes o cidade já teve?

Os nomes que a cidade já teve vão nos trazer estes indícios e estes nomes estabelecem relações com outras palavras, por reescrituras ou articulações.

Em cada palavra ou expressão marcada, discutir:

O que este trecho nos enuncia? Qual acontecimento ele marca? Como ele traz povos e culturas?

Muitas respostas terão relações com os conhecimentos de mundo dos participantes, mas que depois serão confirmados ou não quando migrarmos para outros textos.

Com os alunos este processo pode ser feito coletivamente no início, para que depois tenham condições de fazer em pequenos grupos ou individualmente.



Desde a seleção dos trechos que serão analisados até o que será sublinhado.

Observe o recorte 1 a seguir:

"[...] mas foi em **1723** que **Diogo Bueno** adentrou na região para **descobrir e povoar** o **Sertão do Rio Grande e Capivari** [...] e Provavelmente no **início do século XVIII**, diz a história que **Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, ou Diabo Velho na língua indígena**, numa de suas históricas diligências descobriu os afortunados mananciais do Rio Vermelho, nascente do Araguaia."(PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, online)

Com as marcações

- **1723** – marca uma temporalidade específica com a passagem de bandeiras portuguesas pela região, como a de **Diogo Bueno**;
- **Descobrir e povoar** –enuncia a ocupação do território;
- **Sertão do Rio Grande e Capivari** – reescritura a região que hoje é denominada Formiga;
- **Início do século XVIII** – marca outra temporalidade, com a bandeira de **Bartolomeu Bueno da Silva**;
- **Anhangüera**– enuncia presença de índios no Brasil, ao nomearem o bandeirante com a língua indígena. (litígio das línguas).



Nesta etapa 2 os objetivos desta etapa são:

- Reconhecer o texto selecionado para a pesquisa, realizando leitura deste, disponibilizado no site oficial da prefeitura contando a história do município: pesquisa realizada no site oficial da prefeitura do município ou no site oficial do IBGE; para aqueles que não possuem informações em seus sites;
- Realizar pesquisa em meios tecnológicos ou não, fazendo uso de habilidades relacionadas ao letramento em pesquisa e letramento em informação.

Este procedimento, buscando as relações das palavras com outras palavras dentro do texto é caracterizado pela transversalidade endógena, com a qual, em cada um dos recortes do texto oficial da cidade analisado, será possível reconhecer indícios que o texto traz sobre povos ou culturas que estiveram presentes na constituição desta.

A exemplo disso, no recorte 1 analisado, é possível perceber certas influências da cultura indígena e portuguesa pelas designações marcadas:

### Influência portuguesa

1723; Diogo Bueno; descobrir e povoar; Sertão do Rio Grande e Capivari; início do século XVIII; Bartolomeu Bueno da Silva.

### Influência Indígena

Sertão do Rio Grande e Capivari; Anhanguera.

Entretanto, apenas este recorte 1 não é suficiente para constituir os sentidos propostos nesta análise, relacionados aos povos e culturas presentes desde o surgimento de Formiga-MG. Por isso, parte-se para a etapa 3 trazida pelo professor Eduardo Guimarães (2007; 2017; 2018): migrar para outros textos.

## 3

### MIGRAR PARA OUTROS TEXTOS

Nesta etapa, é preciso recorrer a outros textos afim de constituir os sentidos e auxiliar na interpretação das reescrituras e determinações levantadas nas análises da etapa 2.

Este procedimento caracteriza-se pela transversalidade exógena, pois, extrapola o texto base inicial, o texto oficial da cidade reconhecido na etapa 1. A cada um dos recortes do texto inicial analisado, outros textos serão buscados para a constituição dos sentidos, num movimento de leitura que contrapõem a linearidade textual. Para cada texto migrado, as etapas 1 e 2 serão refeitas nos recortes destes, levantando designações que contribuirão, como dito, com a constituição dos sentidos, sempre retomando o questionamento inicial: Que povos estiveram ali? Que culturas instituíram ou instituem?

Nesta etapa 3 é importante considerar o que é um texto dentro da teoria tomada como base, Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002). Texto é tudo aquilo que produz um sentido, uma palavra pode ser um texto, uma imagem, datas, vídeos, narrativas orais, textos escritos, arquitetura, entre outras possibilidades.

Os objetivos desta etapa são:

- Reconhecer outros textos que complementem os sentidos trazidos pelo texto inicial analisado;
- Realizar a leitura destes textos e registrar as designações seguindo os passos trazidos por Guimarães (2007; 2017; 2018);
- Realizar pesquisa em meios tecnológicos ou não, fazendo uso de habilidades relacionadas ao letramento em pesquisa e letramento em informação.

Ao solicitar que os estudantes façam esta busca por outros textos, desenvolverão, novamente, o letramento em pesquisa e em informação, além do letramento impresso, ao registrarem suas buscas ou registrarem o que devem buscar.



Retomando as designações marcadas no recorte 1 analisado na etapa 2 descrita na página 29, migra-se para textos que complementem seus sentidos, no caso, textos que tragam mais informações acerca da presença da cultura portuguesa e da cultura indígena na região, assim, tem-se outros recortes descritos a seguir já com as designações marcadas, como o exemplificado sobre as influências portuguesas:

## INFLUÊNCIAS PORTUGUESAS

**RECORTE 1 (já analisado):** “[...] mas foi em **1723** que **Diogo Bueno** adentrou na região para **descobrir e povoar** o **Sertão do Rio Grande e Capivari** [...] e Provavelmente no **início do século XVIII**, diz a história que **Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, ou Diabo Velho na língua indígena**, `numa de suas históricas diligências descobriu os afortunados mananciais do Rio Vermelho, nascente do Araguaia.”(PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, *online*)

**RECORTE 2:** “Em **1765**, foi organizada uma expedição exploratória do oeste de Minas, [...] tendo como chefe o Mestre de **Campo Inácio Correia Pamplona**, que efetivamente promoveu a colonização e a definitiva ocupação daquela região, com a distribuição de sesmarias. [...]Ao passarem pelo sítio onde se situa agora **a cidade de Formiga**, dada a semelhança do lugar com os **ilhéus [das Formigas]**, aqui, como lá, consistentes de escarpas sobre o rio e lá sobre o mar, deram a esse rio o nome de Rio [das Formigas], denominação que passou ao povoado que se formou. **Paragem do Rio Formiga**, depois, **Vila do Rio Formiga**, denominação que foi confirmada como a cidade de Formiga”. Retirado do site da câmara de vereadores de Formiga-MG. (CAMARA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d. *online*)

**RECORTE 3:** Primeiras **famílias formiguenses** e os **sobrenomes** que remetem a famílias de **descendência portuguesa** que, ainda em **2021**, estão no município: Alves do Couto; Alves; Arantes; Arantes Marques; Barbosa; Bernardes de Castro e Bernardes da Silveira; Caetano Leal; Carrilho/ Castro; Corrêa da Costa; Costa; Dias Nogueira; Faria; Faria Pereira; Fernandes Souto; Garcia Pereira; Gomes Rodrigues Câmara; Gomes Rodrigues da Silva; Gonçalves da Fonseca; Gondim; Ignácio da Silva; Monteiro Braga; Nunes Pereira Torres; Nunes Valadão; Paim/Pamplona; Rabelo de Macedo; Ribeiro; Ribeiro da Silva; Rodrigues Nunes; Silva; Silveira Leão; Silva; Terra; Silveira; Silveira Leão; Teixeira Álvares; Teixeira Alves; Teixeira de Carvalho; Villela. Retirados do livro: A FORMAÇÃO HISTÓRICA DAS COMUNIDADES NO BRASIL. Estudo da criação do arraial de São Vicente Férrer da Formiga: Sua História e Sua Gente. Por: José Francisco de Paula Sobrinho.

O recorte 1 foi retirado do texto que conta a história de Formiga, disponível no site oficial desta, no endereço eletrônico: [https://www.formiga.mg.gov.br/?pg=14&id\\_busca=18](https://www.formiga.mg.gov.br/?pg=14&id_busca=18) (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, online).

O recorte 2 foi retirado do site oficial da Câmara de Vereadores de Formiga-MG disponível no endereço eletrônico: <https://www.camaraformiga.mg.gov.br/historia/> (CAMARA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d. online).

Já o recorte 3, foi construído por meio de uma pesquisa de campo realizada na cidade de Formiga-MG em fevereiro de 2021, com entrevistas a moradores e funcionários da prefeitura municipal da cidade, como o atual Secretário de Cultura Alex Arouca. Esta pesquisa de campo teve como norte as primeiras designações marcadas no recorte 1 do texto inicial. Este recorte está disponível no Documentário "Histórias de Formiga: descendências e suas culturas" disponível no link: <https://youtu.be/t3aHFGgxvrc> especificamente no min.: 2:08'.



Extremamente importante retomar que, antes de migrar para qualquer texto, é preciso que se tenha realizado a etapa 2 – registrar as designações do texto, pois, somente estas informações trazidas pelo texto possibilitarão um olhar apurado para a busca em outros textos, principalmente se estes outros textos forem narrativas orais.

Todas as cidades possuem inúmeros elementos culturais, mas interessarão para a constituição dos sentidos **apenas** aqueles que complementem os sentidos trazidos na etapa 2.



Para auxiliar na realização da pesquisa de campo, será feito um **parênteses** na descrição das etapas de análise linguística de Guimarães (2007; 2017; 2018) para socializar como pode ser elaborado um roteiro para a pesquisa de campo que oportunizará recortes com as narrativas orais dos moradores de uma cidade.

Primeiramente, tendo em mãos todos os recortes do texto oficial reconhecido na etapa 1, com as designações realizadas na etapa 2, tem-se ideia do que buscar como informações na cidade analisada, sejam informações orais, sejam monumentos, documentos etc.

No caso de Formiga-MG, tomada como objeto de estudo piloto, com as análises realizadas na etapa 2 sobre o texto oficial, encontrou-se indícios da presença das Influências indígena e portuguesa já compartilhadas em exemplos anteriores; além de indícios da presença de influências da cultura negra escrava e da cultura mestiça presente no movimento tripeiro identificado em outros recortes. Assim, partiu-se para a pesquisa daquilo que hoje ainda existe no município e tem relações com estas. Uma busca pelo site oficial do município, em revistas culturais publicadas nele e em textos que fazem parte de sua história, foi possível criar um pré-roteiro de entrevistas e tomadas de imagens para compor outros recortes que foram analisados e que contribuíram para a constituição dos sentidos propostos.

O roteiro elaborado possibilitou um direcionamento para a pesquisa de campo, com melhor aproveitamento do tempo e de recursos, mas não foi engessado, de modo que, *in loco*, sempre que surgissem outras informações até então desconhecidas, estas pudessem ser consideradas e registradas.

## O que um roteiro de gravação precisa ter?

É preciso, antes de chegar até a cidade para realizar as gravações, selecionar os locais que serão gravados, os endereços, para possibilitar uma locomoção mais ágil entre eles; selecionar as pessoas que serão entrevistadas, marcando com elas previamente, solicitando autorização para as gravações e até mesmo enviando com antecedência o que se pretende perguntar a elas; e organizar o material que será utilizado para as tomadas. No caso dos registros realizados em Formiga-MG, foi utilizado apenas aparelho de celular para as gravações e a seleção dos lugares e pessoas entrevistadas foi conseguido por buscas no site oficial da cidade e em conversas via *e-mail* e *whatsapp* com responsáveis pela Secretaria de Cultura municipal.

### Modelo de roteiro de gravação:

Produto – artefato: documentário Formiga-MG	
Tempo de duração: 30'	
Data da gravação: Fevereiro de 2021	
Vídeo: Monumentos e patrimônios históricos da cidade: Museu Nhonhô Fonseca, Mina do Sapé, Festa congado de Nossa Senhora do Rosário, Igreja do Rosário, Túmulo do Escravo Adão, Morro das Balas.	Formiga – MG
Áudio: Sons de elementos da natureza, barulho da cidade (pedestres), sons instrumentais e músicas do congado.	

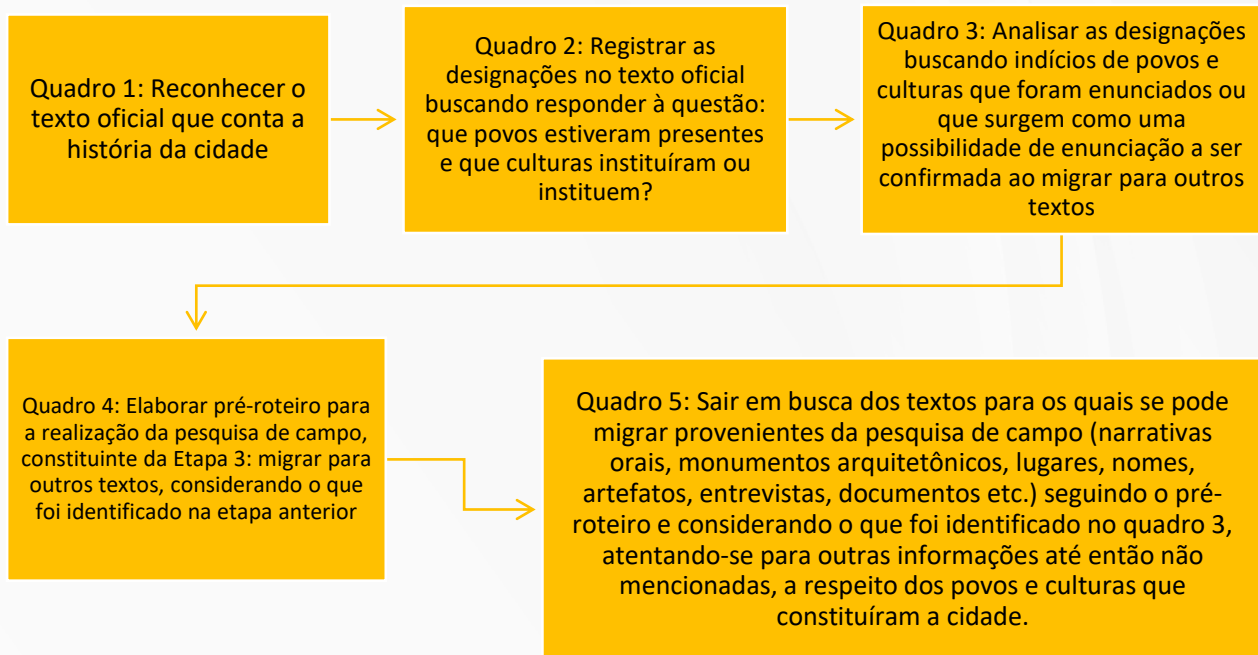
Roteiro de ordem das gravações		
Roteiro de gravação		Data/hora
Chegada no município		06/02/21 10:30h
O que será gravado	Local/hora	Tomada/texto
Introdução	Gravar do Cristo. 11:00h às 11:30	Fala: Toda cidade tem sua história, trazendo nela os povos e culturas que estiveram presentes em sua formação. Mas será que a história que conhecemos é completa? Aqui em Formiga, a história mais conhecida diz que sua origem se deu com a presença de bandeirantes portugueses que passavam por esta região em busca de ouro. Outros pontos da história que nos permite conhecer um pouco mais sobre a formação deste município são as três versões para a origem de seu nome. Na versão mais conhecida, o nome surgiu porque tropeiros passavam por aqui e ao parar para descansar próximo às águas de um rio, tiveram seus carregamentos atacados por formigas. O rio foi batizado com este nome e o município que surgiu em seu entorno também. Outra versão, diz que o nome surgiu porque índios trazidos para a região para ajudar os portugueses a dismantelar o Quilombo que aqui existia, comiam formigas tanajuras e por esta razão, suas aldeias tinham este nome, que deu origem ao povoado. A terceira versão para a origem do nome de Formiga diz que o bandeirante português Ignácio Correa Pamplona passou por esta região em suas diligências e achou o relevo daqui muito parecido com os penedos dos ilhéus de Formiga em Portugal. O fato é que, com exceção da segunda versão, todo o restante da história contada, os responsáveis pela formação da cidade são os tropeiros ou bandeirantes portugueses. Será que apenas eles estiveram aqui nesta região? Vamos conhecer hoje outras histórias por detrás desta conhecida, histórias por muito tempo apagadas ou silenciadas, mas que ainda hoje exercem influência na constituição das identidades culturais dos formiguenses.
Mudeu	14:00 às 15:00h	Em frente ao museu: narradora Fala: No museu Nhonhô Fonseca podemos conhecer mais sobre as histórias de Formiga, sobre os povos que aqui viveram e as culturas que ajudaram a constituir a cidade por meio de alguns artefatos históricos.  Dentro do museu: Imagens da urna funerária / machado / ponteiras de machado / igaçabas  Entrevista 1 – coordenador do museu sr. Gervânio: Pergunta: quais artefatos temos aqui no museu Nhonhô Fonseca e que retratam povos que existiram neste território antes mesmo de ter sido ocupado pelos portugueses?  (Filmar próximo a eles para já mostrar as imagens de ambos também dá certo).  Pergunta: quais outros artefatos de origem indígena temos aqui?  Pergunta: O que temos no museu que comprova a presença de escravos na região?  GRAVAR imagens destes artefatos.



Este modelo de roteiro se repete com todas as informações que se deseja registrar, com os lugares, horários e o que se pretende perguntar.

Isto é um pré-roteiro, que guiará as buscas pelas narrativas orais e por monumentos que contem histórias sobre a cidade, complementando os registros. Com tudo gravado, é possível realizar a descrição do vídeo para compor outros textos analisados como o mostrado no recorte 3 das influências da cultura portuguesa.

Retomando os passos que precisam ser seguidos antes de sair em busca dos registros de narrativas orais ou monumentos arquitetônicos, lugares etc. tem-se:



Importante ressaltar que antes de sair em busca das tomadas para o vídeo documentário, além dos passos elucidados pelos quadros sobre a elaboração deste, é preciso ter atenção para o objetivo das tomadas e para aquilo que se pretende conseguir de informações, pois, as cidades podem apresentar inúmeras informações culturais importantes, mas sem relação com o que se busca evidenciar, que são os povos e as culturas que estiveram ou estão presentes nos processos de formação da cidade.

Assim, segue-se com as análises, partindo para a etapa 4 trazida pelo professor pesquisador Eduardo Guimarães (2007; 2017; 2018):

## 4

### ANALISAR CONSIDERANDO O DOMÍNIO SEMÂNTICO DE DETERMINAÇÃO (DSD)

Nesta etapa, será realizado o processo de elaboração dos DSDs, reconhecendo os símbolos e sua organização, bem como a escrita das legendas dos gráficos.

A elaboração dos gráficos de DSD podem ser pensados como um mapa mental, com símbolos específicos que marcam as palavras que determinam outras, que instituem sentidos de sinonímia e ou antonímia, por exemplo. Os símbolos trazidos por Guimarães (2007, p. 81) são:

$\vdash$  ou  $\dashv$  ou  $\perp$  ou  $\top$  que significam determinam, a exemplo, “[...]  $y \vdash x$  significa  $x$  determina  $y$ , ou  $x \dashv y$  significa igualmente  $x$  determina  $y$ );  $—$  que significa sinonímia; e um traço como \_\_\_\_\_, dividindo um domínio, significa antonímia.”

Percebam que os símbolos que significam “determinam”, a palavra que determina é aquela que tem o traço voltado para si.

Nesta etapa, com todas as palavras marcadas (designações) em todos os textos para os quais migrou-se, ou seja, nos recortes de texto utilizados, constrói-se as relações de sentido entre elas.

O objetivo desta etapa é:

- Analisar as designações considerando o dispositivo analítico Domínio Semântico de Determinação, DSD, proposto por Guimarães (2007).

Retoma-se então os recortes 1, 2 e 3 e suas designações acerca das influências portuguesas na região:

**Diogo Bueno; 1723; Sertão do Rio Grande e Capivari; Ignácio Correa Pamplona; 1765; Vila do Rio Formiga; Paragem do Rio Formiga; Ilhéus de Formigas; Sobrenomes famílias formiguenses; 2021.**

E tem-se o DSD 1: Descendência Portuguesa em Formiga-MG

sobrenomes famílias formiguenses (2021)

⊥

Diogo Bueno (1723) ⊥ (cidade) FORMIGA ⊥ Ignácio Correa Pamplona (1765)

⊥

Vila do Rio Formiga

⊥

Paragem do Rio [das Formigas] — Ilhéus [das Formigas]

⊥

Sertão do Rio Grande e Capivari

Legenda do DSD:

Onde lê-se: Sertão do Rio Grande e Capivari determina Paragem do Rio [das Formigas] que determina Vila do Rio Formiga, que determina (cidade) Formiga. Paragem do Rio [das Formigas] está em sinonímia com Ilhéus [das Formigas]. Ignácio Correa Pamplona (1765) determina (cidade) Formiga. Diogo Bueno (1723) determina (cidade) Formiga. Sobrenomes famílias formiguenses (2021) determina (cidade) Formiga.

Com o gráfico de DSD organizado, retoma-se todos os recortes e realiza-se a análise e discussão dos resultados. No exemplo a seguir, serão compartilhadas as análises com algumas ênfases em elementos linguísticos.

A proposta é que as análises dos resultados realizados com os estudantes estejam adequados ao seu nível de conhecimento. Assim, cabe aos professores conhecerem seus alunos, o que eles já sabem e quais conteúdos deveriam conhecer para estabelecer aquilo que será cobrado nas análises. Por exemplo, não é esperado que alunos do Ensino Fundamental possuam conhecimento sobre aspectos linguísticos como “anáforas”, “reescrituras por substituição” entre outras. Para eles, as análises devem girar em torno dos sentidos que conseguiram instaurar e quais as designações os levaram a isso e como.



Esta etapa pode também ser realizada coletivamente, tendo o professor como escriba. O importante é que os alunos consigam identificar os sentidos daquilo que está sendo proposto utilizando os procedimentos analíticos de uma leitura na perspectiva semântico-enunciativa.

Exemplo de análise e discussão dos resultados do DSD1:

Em R1, retirado do texto que conta a história de Formiga, disponível no site oficial desta, (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, online), o ano de 1723 marca uma época específica no surgimento do município com a presença de bandeirantes portugueses, enunciando a tomada da região pela aculturação branca, pelo povo civilizado que chega aqui falando a língua portuguesa, alterando as até então relações de enunciação existentes, com as línguas que os povos que aqui habitavam falavam (GUIMARÃES, 2018, p. 25). Assim, "Formiga" funciona no acontecimento de enunciação de R1 constituindo o sentido da presença da descendência europeia, em específico a Portuguesa, trazendo consigo sua cultura, que esteve presente neste momento no território brasileiro, colonizando as terras após sua "descoberta" em 1500. Neste recorte, a expressão "Sertão do Rio Grande e Capivari" determina a região que hoje compreende Formiga, por um processo de reescrituração por substituição, retomando a palavra "Formiga" para enunciar a ocupação desta região antes de sua nomeação oficial. Nesta expressão, palavras da língua portuguesa apresentam-se conjugadas a palavras de língua indígena, evidenciando o litígio entre as línguas faladas pelos habitantes do Brasil nesta temporalidade. Entretanto, este único recorte não é suficiente para que seja possível constituir os sentidos da presença da descendência portuguesa na região, assim, migra-se para outros textos.

Em R2, retirado do site oficial da Câmara de Vereadores de Formiga-MG (CAMARA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d. online) a marca da temporalidade de 1765, retrata também o movimento de bandeirantes portugueses na região. Este trecho enuncia a expedição exploratória do oeste de Minas, comandada por Inácio Correia Pamplona, português de Açores. Neste recorte, "ilhéus [das Formigas]" apresenta-se numa relação de sinonímia com "Formiga", devido a semelhança geográfica reconhecida pelos bandeirantes de Ignácio Correa Pamplona. Devido a essa condição de semelhança, o lugar foi nomeado, nesta temporalidade, por Rio [das Formigas], que, posteriormente virou denominação da região, já povoada, "Paragem do Rio Formiga", depois, "Vila do Rio Formiga". Estas duas expressões são reescriturações de Formiga, por expansão e funcionam no acontecimento de enunciação constituindo o sentido da presença de bandeirantes portugueses na região sendo que, na primeira reescrituração "Paragem do Rio Formiga", "paragem" articula-se a "Rio Formiga", nome dado ao rio que por ali passava enunciando já um lugar povoado, onde os viajantes bandeirantes paravam para repousar, tendo já estabelecimentos de moradia. Na segunda reescrituração, "Vila do Rio Formiga", a palavra "Vila", articulada a "Rio Formiga" enuncia o crescimento do povoamento na região e, conseqüentemente, da civilização.

O terceiro recorte (R3) foi retirado do Documentário "Histórias de Formiga-MG: descendências e suas culturas" produzido pela pesquisadora em pesquisa de campo no município, disponível no endereço eletrônico <https://youtu.be/t3aHFGgxvrc>. O recorte utilizado encontra-se a partir de 2:08min. do vídeo documentário. Neste, as designações marcadas: "sobremomes", "descendência portuguesa" e "2021"; enunciam a presença da cultura portuguesa, trazida pelos bandeirantes nas temporalidades de R1 e R2, presentes ainda na atualidade



marcada pelo ano de 2021, com os sobrenomes tradicionais de moradores da cidade. Em R3, a palavra “sobrenomes” reescrevem por catáfora todos os sobrenomes de origem portuguesa encontrados no livro do historiador José Francisco de Paula Sobrinho.

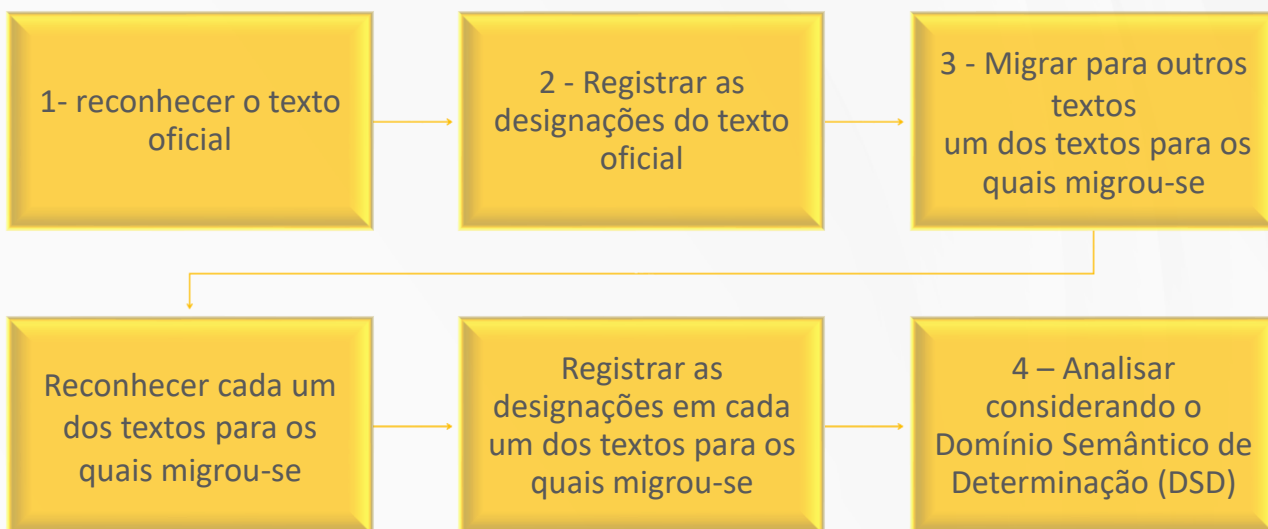
Assim, tem-se o Domínio Semântico de Determinação, DSD 1, descrevendo a presença da cultura portuguesa presente nas descendências trazidas desde a formação do município de Formiga-MG. As temporalidades específicas, marcada pelos anos de 1765 e 1723, retomam um passado memorável que está relacionado aos processos de ocupação do território nacional, descoberto há pouco tempo pelos europeus. Esta mesma temporalidade trazida pelas datas, instaura um presente e abre perspectivas para outros sentidos, como o trazido pela temporalidade de 2021 com os resquícios desta ocupação portuguesa enunciada pelos sobrenomes de famílias tradicionais de Formiga-MG.

Além desta evidência da descendência portuguesa, o ano de 1723, por meio de anáfora, institui uma temporalidade, retomando o espaço arraial enquanto espaço de ocupação do território, até então nomeado por “Sertão do Rio Grande e Capivari”. Até antes desta temporalidade, este espaço estabelece uma relação de hiperonímia com o território nacional como um todo, uma terra sem dono. Esta ideia de terra sem dono, remete ao ideal de encontrar o paraíso perdido do cristianismo, terra de Adão e Eva (FERNANDES NETO, 2012), que perpassou os desejos de muitos navegadores, desconsiderando os moradores nativos da região que, por não serem cristãos, não poderiam ser donos de lugar algum, pertencendo este a quem o “descobrisse”. Segundo estas crenças, para que os nativos pudessem ser dignos de usufruir das dádivas de Deus, ofertadas pelo paraíso, precisariam ser “[...] cristianizados e, a partir de então, foram sofrendo um processo de aculturação branca de origem europeia” (FERNANDES NETO, 2012). Esta narrativa, marcar este espaço como “Sertão do Rio Grande e Capivari” e, cria-se dentro deste, outro hiperonímico, pois, começa a se constituir e institucionalizar o sentimento de cidadania com a ocupação pelos portugueses, ao nomear-se o lugar como “Paragem do Rio [das Formigas]” pela semelhança com os “Ilhéus [das Formigas]” de Portugal em 1765 e, posteriormente, como “Vila do Rio [Formiga]”. Estas reescrituras enunciam que, antes desta ocupação portuguesa, nada era considerado história neste território, evidenciando o processo de ocupação desta região e constituição do espaço hoje conhecido como Formiga, parte do território brasileiro.

Este processo de ocupação retoma de forma hiponímica o “paraíso perdido”, em que só se considera cidadão civilizado quando se institui um espaço como o arraial, quando é ocupado pela cultura europeia, quando ocorre o processo de aculturação branca, neste caso em específico, pelos portugueses. Desse modo, o ano de 1723 reescreve a não civilização, enquanto os anos de 1765 e 2021 reescrevem a civilização.



A seguir serão compartilhados os exemplos de outros DSDs realizados partindo da análise do texto retirado do site oficial de Formiga-MG. Em todos eles os passos trazidos por Eduardo Guimarães (2007; 2017; 2018) foram realizados: primeiramente o texto oficial foi reconhecido (etapa 1), em seguida foram registradas suas designações (etapa 2). Estas designações levaram para a busca em outros textos (etapa 3) e nesta migração, em cada um dos textos selecionados, as etapas 1 e 2 foram refeitas, ou seja, estes textos para os quais migrou-se, forma reconhecidos e tiveram suas designações registradas. Por fim, com as informações obtidas, estas foram analisadas considerando o Domínio Semântico de Determinação (DSD).



## INFLUÊNCIAS INDÍGENAS

**RECORTE 1 (TEXTO OFICIAL):** "Provavelmente no **início do século XVIII**, diz a história que **Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera**, ou Diabo Velho na língua indígena, "numa de suas históricas diligências descobriu os afortunados mananciais do Rio Vermelho, nascente do Araguaia"(PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, *online*)

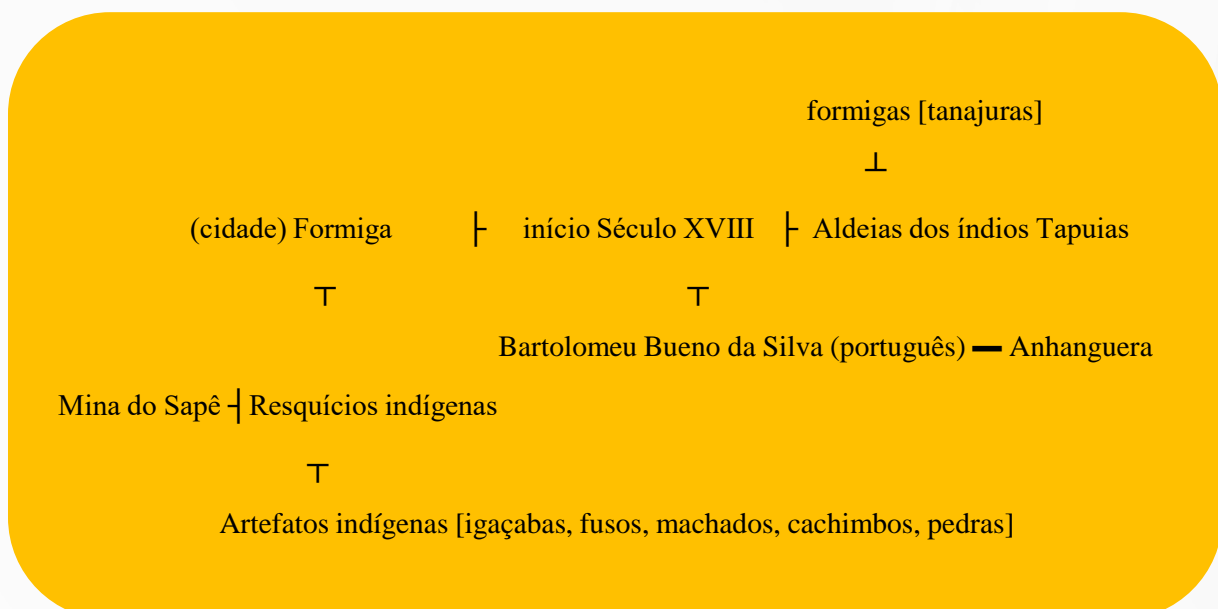
**RECORTE 2 (OUTRO TEXTO RETIRADO DO SITE OFICIAL DA CIDADE):** "[...] o nome da **cidade** teve origem com a vinda dos **índios Tapuias**, de São Paulo, para dismantelar o Quilombo de Ambrósio, localizado entre os municípios de Formiga e Cristais. Em algumas situações, as **aldeias** destes indígenas eram denominadas Formigas pelo fato de estes se alimentarem de **tanajura**."(PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, *online*)

**RECORTE 3:** “Estes assentamentos ou **aldeias**, em determinadas circunstâncias denominavam-se “**formigas**”. [...] Com o desmembramento do território de Goiás da Capitania de São Paulo, foi Governador da nova capitania D. Marcos de Noronha, Conde de Arcos. Uma iniciativa desse governador foi a criação de **aldeias** para os **índios**, dentre essas uma no hoje **município de Formiga**. Nada, entretanto, pode confirmar sua instalação”(CAPITÃODOMINGOS, 2008, *online*)

**RECORTE 4:** “Bom, aqui a gente tem algumas peças, né? Que comprovam a participação ou existência de **indígenas** aqui na nossa localidade. Temos a **Igaçaba** indígena. A igaçaba grande era usada para coletar e guardar água e alimentação. Quando morria algum índio, era usada como urna indígena. Temos também esse **machado** indígena, que era um artefato que o índio usava para cortar árvores e fazer trabalhos. Aqui embaixo temos as **igaçabas** menores que eram usadas para armazenar água no decorrer da noite, porque mesmo os índios sendo do mato, a noite era dos bichos. Embaixo temos alguns **artefatos indígenas, cachimbos, fusos e pedras** de pilar a alimentação dos índios, machados e alguns outros **resquícios de materiais indígenas**.”(DOCUMENTÁRIO – HISTÓRIAS DE FORMIGA-MG)

**RECORTE 5:** “Encontramos a presença da **cultura indígena** também em nomes, como no caso da **Mina do Sapê**. A Mina do Sapê, localizada no bairro Sagrado Coração de Jesus em **Formiga** foi utilizada durante muito tempo por lavadeiras que vinham até o local lavar roupas e tirar o seu sustento. [...] Mina do Sapê tem seu nome em origem num capim abundante na região, o capim “sapê” [...] que na cultura indígena significa “o que alumia” devido ao seu poder de queima.”(DOCUMENTÁRIO – HISTÓRIAS DE FORMIGA-MG)

E tem-se o DSD 2: descendência indígena



Onde lê-se: Formigas [tanajuras] determinam Aldeias dos Índios Tapuias que determinam início do Século XVIII que determinam (cidade) Formiga. Bartolomeu Bueno da Silva (português) está em sinonímia com Anhanguera e determina início Século XVIII que determina (cidade) Formiga. Artefatos indígenas [igaçabas, fusos, machados, cachimbos, pedras] determinam Resquícios indígenas que determinam (cidade) Formiga. Mina do Sapê também determinam resquícios indígenas que determinam (cidade) Formiga.

R1, retirado do texto que conta a história de Formiga-MG publicado no site oficial desta (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d.a, online), marca a entrada no século XVIII estabelecendo um outro acontecimento de sentidos trazidos por esta temporalidade específica, tendo o território brasileiro iniciado o processo de povoamento, reforçando a ideia de ocupação e trazendo indícios da exploração deste território. Além deste sentido, R1 traz no nome Anhanguera, reescritura de Bartolomeu Bueno da Silva por meio um processo de substituição, a presença de uma enunciação de outra língua não oficial, a indígena. Assim, o Locutor, ao falar do lugar social de dizer oficial, relata a presença desta cultura e marca a Língua Portuguesa oficial como uma língua dividida, sendo também corrente, estabelecendo relações com outras línguas da região, não oficiais (GUIMARÃES, 2018). Esta nomeação dada por índios, em um tempo e espaço desconhecidos, evidencia o litígio das línguas, uma disputa entre as línguas dos povos que se comunicam por elas, seja o Português, oficial, sejam as línguas nativas. Entretanto, como dito, não é um recorte suficiente para confirmar a presença dos povos indígenas na região de Formiga-MG, embora a confirme no território nacional. Por esta razão, foi necessário migrar para outros textos.

Em R2, de um outro texto presente no site oficial de Formiga-MG (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d.b, online) que conta as três versões para a origem do nome da cidade, percebe-se a presença de índios na região, sendo trazidos para dismantelar um Quilombo que lá existiu. Neste recorte, "formigas", reescritura "aldeias dos índios Tapuias" por um processo de substituição e funciona, neste acontecimento de enunciação como determinação para a nomeação da região, constituindo o sentido memorável similar ao R1. A palavra "tanajuras", articulada a "formiga", determina o tipo de inseto que caracteriza o nome do lugar, contribuindo para a constituição dos sentidos destas aldeias presentes no lugar, de selvagens que se alimentavam de "tanajuras". Entretanto, não se tem ainda confirmações da presença destes índios que tinham suas aldeias denominadas "formigas" na região.

Migrando para outros textos, R3 começa a instaurar o sentido da presença dos índios na região. Este recorte, retirado de um blog que retrata a genealogia dos portugueses no Brasil e os pioneiros bandeirantes, Capitão Domingos, no endereço eletrônico: <https://capitaodomingos.com/000-vila-de-formiga-itapecirica-e-a-picada-de-goias-construida-pelos-rodrigues-gondim/> , traz histórias sobre a Picada



de Goiás, presente na formação de Formiga-MG e a presença de povos de outras culturas compondo este movimento. No recorte selecionado, a palavra “aldeias”, novamente surge reescriturada por “formigas”. Entretanto, o texto traz nova informação, sobre a criação de aldeias na região de Formiga-MG, “aldeias” articulada a “índios”. Como o próprio texto enuncia não ser capaz de confirmar a instalação, buscou-se em narrativas orais outras enunciações que confirmassem a presença destes povos, o que enunciaria a descendência indígena na região.

Assim, os recortes 4 e 5 foram tomados para a constituição dos sentidos pretendidos neste DSD 2. Ambos retirados do vídeo documentário “Histórias de Formiga-MG: descendências e suas culturas”, estando R4 no minuto 3,06’ e R5 no minuto 4,50’. R4, obtido por entrevista ao coordenador do museu Nhonhô Fonseca, Gervânio da Silva, traz as palavras “peças” e “artefatos [indígenas]” reescriturando por catáfora as palavras “igaçaba indígena”, “machado indígena”, “igaçabas menores”, “cachimbos, fusos e pedras”. Estas palavras encontram-se articuladas a expressão “resquícios indígenas”, num processo que busca explicar suas origens. Todas estas “peças” ou “artefatos” forma localizados na cidade de Formiga-MG, confirmando a presença destes povos na região.

Já R5, embora tenha sido retirado do vídeo documentário, suas informações encontram-se também registradas no site oficial da cidade, no livreto do Patrimônio Cultural Formiga, desenvolvido pela Secretaria de Cultura em parceria com a Faculdade Pitágoras (Divinópolis). Neste recorte, a designação “cultura indígena” funciona neste acontecimento junto à expressão “Mina do sapê”, nomeando uma mina da região e instaurando o sentido do litígio das línguas faladas nesta temporalidade. Na nomeação “Mina do Sapê”, a palavra “Sapê”, de origem indígena, está articulada a “Mina” por um processo de caracterização, marcando esta relação entre os falantes, de um lado os colonizadores portugueses que falavam a língua oficial, o português, e de outro lado, os falantes nativos, que em sua língua deram nome ao lugar de sapê devido a um capim abundante na região. Esta nomeação, agenciada por uma língua indígena, não oficial, marca a presença destes povos na região e sua cultura sendo internalizada pelos colonizadores. Isto posto, possibilita reafirmar que os espaços de enunciação, como este marcado pela nomeação de um lugar com palavras da língua portuguesa “mina”, em relação por articulação com palavras da língua indígena “sapê”, são permeados por relações políticas.

Considerando estes recortes e o funcionamento das designações, o “DSD 2 – Silenciamento da descendência Indígena” marca a presença da cultura indígena silenciada durante o processo de nomeação e formação do território que hoje corresponde a Formiga-MG. O bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, enunciado em R1, com descendência europeia enuncia novamente a tomada da região pela aculturação branca, pelo povo civilizado que chega aqui falando a língua portuguesa, alterando as até então relações de enunciação existentes, com as línguas que os povos que aqui habitavam falavam (GUIMARÃES, 2018, p. 25). Ao

transcrever a história de passagem do bandeirante como aquele que em suas diligências descobriu afortunados mananciais, com a presença de ouro que constituía a atenção do governo português, marca-se o processo de exploração deste território.

O início do século XVIII, enuncia a ocupação portuguesa e é anáfora do paraíso perdido já enunciado no DSD1. O Bartolomeu Bueno da Silva representa uma relação de reescritura por ambiguidade, por ser português, trazendo esta cultura presente em seu sobrenome, e, ao ser nomeado por “Anhanguera”, nome dado por índios devido a sua crueldade com estes povos, matando e perseguindo-os pelas regiões em que, traz a cultura indígena, sendo um homem de duas facetas culturais. Novamente, a Língua Portuguesa oficial apresenta-se como língua portuguesa corrente relacionando-se com a língua indígena, dando visibilidade a ela e humanizando o índio não civilizado. Percebe-se, novamente, a divisão da própria língua colonizadora na relação com seus falantes, no caso, os portugueses, “[...] funcionando politicamente no espaço de enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p. 34). Este funcionamento político da linguagem apresenta a língua como uma unidade única, entretanto, carregada de outras línguas e discursos, dividindo-se por estar exposta ao real, a relações externas, pois, os falantes são determinados, segundo Guimarães (2018), pelas condições históricas de suas existências.

Assim, Bartolomeu Bueno da Silva, ao mesmo tempo em que retoma a institucionalização da civilização, trazendo o povoamento dos portugueses em “descobrir e povoar”, ao ser nomeado por “Anhanguera”, retoma a não civilização, que são os índios não cristãos, comprovando novamente presença do morador nativo da região e seu silenciamento.

Um outro acontecimento marcado pelos R2 e R3 comprova a presença de indígenas no território brasileiro, pois, estes teriam sido trazidos para a região de Formiga. Nestes trechos os índios Tapuias que não eram nativos da região de Formiga foram levados para lá. O que realmente confirma sua presença e assentamento na região são os resquícios indígenas evidenciados nos recortes R4 e R5 com a presença de artefatos indígenas encontrados na região e a presença da cultura destes povos no agenciamento da língua no ato de nomeação de uma mina na cidade, a “Mina do Sapê”, de modo que os resquícios indígenas determinam Formiga e são determinados pela Mina do Sapê e pelos artefatos encontrados na região.



RELEMBRANDO, AOS INTERESSADOS, O VÍDEO DOCUMENTÁRIO  
ENCONTRA-SE DISPONÍVEL NO ENDEREÇO ELETRÔNICO:

<https://youtu.be/t3aHFGgxvrc>





## INFLUÊNCIAS ESCRAVAS/AFRICANAS

**RECORTE 1:** “Mister se faz, então, considerarmos a história a partir de meados do **século XVIII**, ou seja, a partir de **1737**, com a abertura **da picada de Goiás**, partindo de São João Del Rey com destino à nascente do Rio São Francisco e às minas de Goiás, e não Pitangui como se chegou a acreditar.”(PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, *online*)

**RECORTE 2:** “[...] o denominado “**Caminho de Goiás**” estendia-se por 266 léguas (cerca de 1.596 Km), consumindo cerca de 3 meses de viagem. Era percorrido por tropas [...] acolitado por “tocadores” geralmente **escravos** ou mamelucos.” (BOLETIM CULTURAL E MEMORIALÍSTICO DE SÃO TIAGO ER EGIÃO, 2020, p.4, *online*)

**RECORTE 3:** “[...] o nome da **cidade** teve origem com a vinda dos índios Tapuias, de São Paulo, para dismantelar **o Quilombo de Ambrósio**, localizado entre os municípios de Formiga e Cristais. Em algumas situações, as **aldeias** destes indígenas eram denominadas **Formigas** pelo fato de estes se alimentarem de tanajura.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d.b, *online*)

**RECORTE 4:** “Aqui temos algumas **peças** que retratam a presença de **escravos** aqui na região de **Formiga**. Aqui nas vitrines nós temos as **correntes e os grilhões** de prender os escravos no tronco quando faziam alguma arte que o senhor não gostava. [...] O **Morro das Balas** marca um lugar de resistência dos **quilombolas** que viveram em um dos maiores quilombos do Brasil, o Quilombo de Ambrósio, que existiu entre os anos de 1741 e 1760 entre as cidades de Cristais e Formiga. [...] Além deste lugar de importância histórica para a cultura negra, encontramos em Formiga algumas edificações construídas por escravos que aqui viveram, como o muro dos escravos. Cemitério do **escravo Adão**: aqui, segundo poucas histórias conhecidas, há muitos anos, passava um carro de boi, possivelmente de tropeiros, e um dos carreiros escravo, passou mal, acabou falecendo de uma doença contagiosa e aqui mesmo foi enterrado.” (HISTÓRIAS DE FORMIGA, 2021, *online*)

**RECORTE 5:** “A **Congada** é uma tradição que vem da **Nossa Senhora do Rosário**, nasceu na **África** e Chico Reis trouxe para o Brasil.” (HISTÓRIAS DE FORMIGA, 2021, *online*)

**RECORTE 6:** “**Nossa Senhora** não era, é a **santa dos escravos**. Todos os negros louvam muito nossa Senhora do Rosário por ela ter ouvido nosso lamento, entendeu? Antigamente era só negro que louvava nossa Senhora do Rosário, hoje tem negro, o branco, os idosos, as crianças, todos louvam a Nossa Senhora do Rosário. [...] A igreja da Nossa Senhora do Rosário, para nós representa em primeiro lugar a casa de Deus e de Nossa Senhora, e em segundo lugar, para nós, é uma representação onde nós guardamos muito a lembrança de quando os brancos vinham à missa e nós, que somos **negros**, de fora ficava esperando. Por isso que fala, a igreja hoje, de Nossa Senhora do Rosário é onde todos os negros têm a **liberdade** de entrar, ajoelhar e rezar..” (HISTÓRIAS DE FORMIGA, 2021, *online*)

**RECORTE 7:** “A nossa **Mãe** quando apareceu ei / Apareceu em rocha de pedras / Foi sô vigário buscar nossa Mãe / Nossa Mãe não veio / Foi Banda de música buscar nossa Mãe / Nossa Mãe não veio / E foi congadeiro buscar nossa Mãe / Nossa Mãe não veio / Foi catopezeiro buscar nossa Mãe / Nossa Mãe não veio / Foi violãozeiro buscar nossa Mãe / Nossa Mãe não aluiu / Ôô Companhia / Com **Moçambiqueiro** nossa **Mãe** saiu.

Olha o **negro** tá chorando / A nós, faz só um carinho / Foi no **dia 13 de maio** / Foi com assembleia que a senhora criou / Foi assinar nossa **alforria** / Esse negro já chorou / vou falar para a senhora / **cativeiro já acabou** / Por isso que eu não choro mais não / bate o tambor, bate o tambor / hoje é dia de alegria, hoje é dia alegria / cativeiro já acabou.

Sapateia, sapateia, sapateia **nego de Angola** / Sapateia, sapateia, sapateia pra **Nossa Senhora.**” (HISTÓRIAS DE FORMIGA, 2021, *online*)

E tem-se o DSD 3: Descendência africana

escravos negros

⊥

Picada de Goiás (1737) † Escravo Adão

⊥

(cidade) Formiga † Quilombo de Ambrósio — Morro das Balas † negros [in]submissos

⊥

Congadas do Rosário

⊥

Nossa Senhora do Rosário — santa dos escravos [Angola e Moçambique]

Onde lê-se: Escravos negros determinam Picada de Goiás (1737) que determina (cidade) Formiga. Picada de Goiás (1737) é também determinada por Escravo Adão. Negros [in]submissos determinam Quilombo de Ambrósio que está em sinonímia com Morro das balas. Quilombo de Ambrósio determina (cidade) Formiga. Santa dos escravos de Angola e Moçambique está em sinonímia com Nossa Senhora do Rosário que determina Congadas do Rosário. Congadas do Rosário determina (cidade) Formiga.

R1, retirado do texto que conta a história de Formiga-MG no site oficial desta, traz a temporalidade do início do século XVIII, ou seja, a mesma já descrita anteriormente na análise do DSD2, marcando o processo de colonização do Brasil no período que sucedeu sua “descoberta” em 1500. Neste trecho, o ano de 1737 é determinado pela presença de um movimento denominado “Picada de Goiás”. “Goiás” funciona neste texto, articulando “picada” por um processo de caracterização, enunciando o movimento que partia de São Paulo com destino a Goiás e não outro qualquer. Assim, torna-se possível migrar para outros textos a fim de identificar quais povos ou culturas estiveram presentes nesse movimento que passou pela região e foi também responsável pela formação do território de Formiga-MG.

Em R2, retirado da revista eletrônica boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região, (2020, p.4), “Caminho de Goiás” reescreve “Picada de Goiás” por um processo de definição e, neste texto em que funciona, apresenta-se relacionado à palavra “escravos”, marcando a presença destes povos neste movimento que percorreu a região que hoje compreende Formiga-MG, sem ainda deixar claro a presença destes povos neste território. Assim, a análise levou à retomada de um recorte já utilizado anteriormente na constituição dos sentidos do DSD 2, tendo agora outras designações marcadas, o R3, retirado do texto que conta a história de Formiga, disponível no site oficial.

Neste trecho a cidade de Formiga aparece num acontecimento de enunciação relacionada à expressão “Quilombo”, esta, articulada a “Ambrósio” por um processo de caracterização. Assim, neste texto em que a palavra “Formiga” funciona, ela apresenta-se composta por um quilombo, o de Ambrósio. A presença de um quilombo na região, traz indicativos da presença da cultura escrava nesta, até então apagada do texto oficial que conta a história da cidade. Entretanto, é necessário buscar em outros textos informações que identifiquem a presença destes povos na região de forma mais concreta. Assim, R4, R5, R6 e R7 foram retirados do vídeo documentário “Histórias de Formiga-MG: descendências e suas culturas”, sendo R4 no minuto 4:51’, R5 em 9:23’, R6 em 11:07’/13:45’ e R7 em 12:39’/15:00’/16:42’.

No R4, a palavra “peças” reescritura por catáfora a expressão “correntes e os grilhões” e ambas funcionam no texto articuladas às palavras “escravos” e “Formiga”. Por este trecho, identifica-se que houve negros escravos na região que hoje compreende Formiga, ainda numa situação de submissão. A palavra “edificações”, reescritura por catáfora as expressões “muro dos escravos” e do “Morro das Balas” que marcam a presença de negros moradores do Quilombo de Ambrósio ou em propriedade de fazendeiros, negros fugidos ou alforriados, marcando a descendência destes povos e a [in]submissão deste povo e sua presença na região de Formiga-MG. Já o “Cemitério do escravo Adão”, enunciando “escravo”, articulado a “Adão” por um processo de caracterização, marca a presença de tropeiros e, entre estes, escravos como o “Adão”, ali enterrado.

R5, R6 e R7, outros recortes, conseguidos na pesquisa de campo, retratam manifestações religiosas típicas da região de Formiga e que têm sua origem na descendência Africana, as famosas Congadas do Rosário. Nestes recortes encontram-se reescrituras de "Nossa Senhora do Rosário" por substituição: "Santa dos escravos", "Mãe"; e por condensação: "Nossa Senhora". Por meio deles, identifica-se a presença da cultura escrava relacionada à devoção de Nossa Senhora do Rosário, confirmando o que foi identificado nas narrativas orais dos entrevistados, senhor Leonardo e senhor José. Em seguida, os cânticos dos congadeiros do R7 trazem a palavra "nego" articulada a "Angola", constituindo o sentido da origem africana destes escravos, especificamente de Angola e Moçambique, "Moçambique" aparece numa relação com a palavra "Mãe", sendo o povo para o qual a santa apareceu.

Além destas relações, os trechos narram o processo de libertação dos escravos no Brasil, trazendo a data da alforria relacionada com "cativeiro já acabou". Segundo Rezende, (2017, p.117) nesta temporalidade que marca o processo de colonização do Brasil, os escravos que não podiam cultuar seus Deuses, considerados pelos católicos colonizadores, europeus, como Deuses pagãos, passaram a adorar santos católicos negros, à sua semelhança, como Nossa Senhora do Rosário, mantendo a "[...] cultura trazida da África, disseminada pelos grupos étnicos através do Congado (também denominado de Reisado), muito presente nas cidades de todo o sertão oeste de Minas Gerais e Triângulo Mineiro [...]".

Neste cenário, com os sentidos constituídos nesse movimento exógeno, buscando em outros textos os povos, suas descendências e culturas presentes no momento de constituição da cidade de Formiga e que ainda hoje exercem influência na constituição das identidades culturais dos formiguenses levam a perceber o apagamento dos escravos negros no texto oficial da cidade.

Segundo Rezende (2017), a picada de Goiás que passou pela região de Formiga foi de grande importância para a formação deste território e para a ocupação da então Goiás. Era um caminho percorrido por tropas e bandeirantes, utilizado também por contrabandistas e que teve sua origem em busca do ouro das regiões do interior do Brasil. Este movimento percorrido por tropeiros evidencia o apagamento dos escravos que também compunham suas diligências e, o "Cemitério do escravo Adão" enuncia a presença destes povos nesta região, percorrendo este caminho para Goiás. Assim, percebe-se que a temporalidade instaurada pelo ano de 1737, período de colonização e ocupação do território brasileiro, marca a presença de tropeiros, agindo como exploradores e colonizadores do interior do país e, da região que hoje compreende Formiga. Os textos analisados evidenciam a presença de povos escravos neste movimento, apagados do texto oficial que conta a história de Formiga, mas presentes em formações arquitetônicas conservadas até a atualidade, como o "Cemitério do escravo Adão", o "muro dos escravos" e o "Morro das Balas".

A “picada de Goiás” enuncia a exploração deste território e sua ocupação pelos portugueses num movimento que antecedeu a Marcha para Goiás, ocorrida anos mais tarde. Esta picada torna-se um acontecimento memorável porque retoma o passado do início da ocupação de Goiás e do território de Minas Gerais e institui uma futuridade, dada pela Marcha de Goiás ocasionada pelos, então novos rumos, traçados com a Revolução de 1930 (PÁDUA, 2007).

R3, que enuncia “Índios Tapuias” e “Quilombo de Ambrósio”, confirma a ocupação do território por estes povos e seus descendentes. Neste, o índio é marcado como selvagem, aquele que veio para exterminar um povo, os negros. Além disso, ao trazer o “Quilombo”, marca a rebeldia do negro que, trazido para o Brasil, das regiões de Angola e Moçambique (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020), para ser submisso ao europeu, não aceita sua condição, se rebela e foge para os quilombos. Assim, “Quilombo de Ambrósio”, numa relação de sinônimo com o local denominado hoje como “Morro das Balas”, enuncia a submissão dos negros, ao mesmo tempo que enuncia sua insubmissão. Ao determinar o índio como selvagem e o negro como rebelde, neste acontecimento, está-se, em verdade, silenciando a ação de extermínio própria dos portugueses, que escravizam, que ocupam regiões e exterminam povos, inclusive trazendo os índios que comem tanajuras, os selvagens, para dismantelar o quilombo daqueles que se rebelaram contra seu poder de colonização, marcando novamente o processo de ocupação e formação do território nacional.

As narrativas orais coletas em pesquisa de campo, presentes nos recortes 4, 5, 6 e 7, confirmam a informação de que estes negros estiveram presentes na região, no Quilombo de Ambrósio e permaneceram nesta após este ser dismantelado. A festividade religiosa e a devoção à Santa dos escravos, Nossa Senhora do Rosário, confirma que a cultura desses negros de Angola e Moçambique perdura com seus descendentes. Além da cultura africana, os cânticos narram os anos de luta deste povo, sujeitado à aculturação branca, mas insubmissos, buscando sua liberdade e direitos de igualdade.

Interessante ressaltar que, ao realizar a análise do nome “Nossa Senhora do Rosário”, considerando R5, R6 e R7, a Santa dos escravos, percebe-se já, nesta temporalidade da nomeação, uma aculturação branca europeia. O nome “Nossa senhora”, articulado à “Rosário” por caracterização, especifica uma santa diferente das santas adoradas pelos brancos Portugueses, entretanto, a expressão “Nossa Senhora” funciona neste acontecimento como um memorável que retoma o sentido do catolicismo, típico dos europeus colonizadores, os Portugueses, de modo que, ao nomearem sua santa de devoção por “Nossa Senhora do Rosário”, os negros, sejam africanos livres, sejam escravos, estão constituindo o sentido de submissão à religião dos colonizadores. A este respeito, alguns pesquisadores, segundo Garone (2008) defendem a mesma posição citada anteriormente por Rezende (2017), de que os negros, impedidos de adorarem seus Deuses, passaram a adorar santos



católicos, mas santos negros, outros santos, diferentes dos santos adorados pelos portugueses, com o intuito de preservar sua cultura e tradição africana. Taís Diniz Garone, em sua dissertação (2008, p. 14-15-16) aborda ainda que, as congadas chegaram a ser utilizadas, na visão de alguns estudiosos, como dispositivo de poder criadas pelos colonizadores no Brasil, para controlar os escravos que, conformados em poder, de certa forma, expor suas culturas pela dança e cânticos, aceitavam se sujeitar à escravidão. Segundo a antropóloga, outros estudiosos acreditam que a congada é um costume genuinamente africano e que, os colonizadores haviam acolhido e aceitado este em seu benefício próprio. De qualquer forma, o fato é que, a nomeação da Santa por "Nossa Senhora do Rosário", tendo acontecido por colonizadores portugueses ou pelos próprios africanos, já enuncia a aceitação de uma religião tipicamente europeia, a católica, marcando a aceitação da colonização por parte dos negros africanos.

## INFLUÊNCIAS DA CULTURA BRASILEIRA

**RECORTE 1:** "Mister se faz, então, considerarmos a história a partir de meados do **século XVIII**, ou seja, a partir de **1737**, com a abertura **da picada de Goiás**, partindo de São João Del Rey com destino à nascente do Rio São Francisco e às minas de Goiás, e não Pitangui como se chegou a acreditar."(PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, *online*)

**RECORTE 2:** "Para alguns, o nome da **cidade de Formiga**, surgiu quando, **tropeiros** que aqui passavam em demanda à **Pitangui e Goiás**, com grande carregamento de açúcar para o abastecer o interior das Gerais, pernoitaram as margens de um rio. [...] E sempre que se fazia necessário referiam-se a este sítio, diziam o "**rio das formigas**", ou **ribeirão das formigas**, com alusão ao caso do açúcar, nome porque se tornou conhecido e passou a posteridade, o plácido riacho que conta a cidade atual."(CÂMARAMUNICIPALDEFORMIGA, s/d, *online*)

**RECORTE 3:** "[...] o denominado "**Caminho de Goiás**" [...] Era percorrido por tropas [...] sob a direção de um "arrieiro", acolitado por "tocadores" geralmente **escravos ou mamelucos**."(BOLETIM CULTURAL E MEMORIALÍSTICO DE SÃO TIAGO ER EGIÃO, 2020, p.4, *online*)

**RECORTE 4:** “Nos sertões mineiros, ou seja, nos caminhos da **Picada de Goiás**, de **1737**, havia uma diferença entre **os negros-escravos** e **os índios escravizados**, chamados de carijós. Os negros-escravos eram denominados “calhambolas” no século XVIII e muitos deles viviam nos **quilombos**. [...]”

Em 1786 havia 30.851 “**índios domesticados**”, que se juntavam ao **português** e ao **negro africano** para os serviços de mineração e das lidas domésticas. Logo, suas características eram nítidas “[...]na língua, nos nomes de pessoas e nas fisionomias.” (SANTOS, 1926, p. 19). Embora fosse comum a **miscigenação**, os casamentos entre os colonos portugueses, índios e negros não aconteciam facilmente. A predominância da miscigenação se deu através das uniões ilegítimas. No início do século XVIII, a proporção em Minas Gerais de “[...]nascimentos legítimos e ilegítimos era de 1:10.” (SANTOS, 1926, p.21, 22).

O “[...]**caldeamento das raças**[...]” (SANTOS, 1926, p. 19) foi habitual nas regiões da **Picada de Goiás**, como em toda a capitania de Minas Gerais. Os **brancos** eram filhos de portugueses ou estrangeiros europeus. Os pardos eram o resultado da união entre “pretos” ou “africanos” e os brancos.” (REZENDE, 2017, p. 113-114)

E tem-se o DSD 4: Descendência brasileira

(cidade) Formiga | Rio das Formigas — Ribeirão das Formigas

┆

Picada de Goiás (1737) — Caminho para Goiás

┆

Tropeiros

┆

[negros escravos, índios domesticados, portugueses — miscigenação [caldeamento das raças]]

Onde lê-se: Rio das Formigas em sinonímia com Ribeirão das Formigas, determina (cidade) Formiga. Negros escravos, índios domesticados e portugueses, numa relação de sinonímia com miscigenação [caldeamento das raças], determinam tropeiros. Tropeiros determinam Picada de Goiás (1737) que determina (cidade) Formiga. Picada de Goiás (1737) está em sinonímia com Caminho para Goiás.

R1, mesmo recorte utilizado para análises do DSD 3, retirado do site oficial de Formiga-MG (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d.a, online) é retomado, inclusive com as mesmas designações. Como descrito anteriormente, o início do século XVIII e o ano de 1737 instauram uma temporalidade no texto em que funcionam, enunciando o processo de colonização do Brasil. Outra designação relevante é "Picada de Goiás", em que a palavra Picada surge articulada a Goiás especificando o movimento que passou pela região de Formiga, um movimento responsável pelo povoamento do centro oeste brasileiro e das regiões por onde passou, vindo de São Paulo até Goiás. Nesta análise a intenção é constituir os sentidos trazidos neste recorte com relação a quais outros povos compunham este movimento nesta temporalidade instaurada específica.

Assim, migrando para outros textos tem-se R2, retirado do texto que conta a história de Formiga presente no site oficial da Câmara de Vereadores deste município (CÂMARA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, online). Neste recorte encontra-se a palavra "cidade", articulada à "Formiga" por um processo de caracterização e relacionada a "tropeiros". Utilizando o procedimento de análise por transversalidade exógena, pode-se relacionar "Picada de Goiás" do R1 com o caminho em demanda à "Pitanguí e Goiás" do R2, estando ambos numa relação de sentidos por sinonímia. Nesta temporalidade instaurada pela passagem dos tropeiros na região, Formiga-MG era nomeada por "rio das formigas" ou "ribeirão das formigas", de modo que, estas reescrituras por expansão enunciam os povos que percorriam o caminho da Picada de Goiás.

Além deste, buscou-se em outros textos constituir os sentidos dos povos que compunham este movimento da Picada de Goiás que originou muitas cidades e retoma-se R3, retirado da revista eletrônica "Boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região" (2020). Neste recorte, "Caminho de Goiás" é reescrituração de "Picada de Goiás" por um processo de substituição e enuncia a presença de escravos, como analisado no DSD 3 e de "mamelucos", ou seja, descendentes de índios com brancos. Esta análise começa a evidenciar um processo de formação de uma nova raça na região, mestiça, que é confirmada por R4.

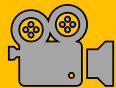
R4 foi retirado de uma dissertação de mestrado da pesquisadora Ana Maria Nogueira Rezende chamada "Fluxos Globais no Século XVIII – A produção do modus vivendi e operandi no entorno da estrada real Picada de Goiás" de 2017 (p. 113-114) e apresenta "Picada de Goiás", articulada à data de "1737" marcando a temporalidade do período de colonização do Brasil, com a presença de "negro-escravos" e "índios escravizados", ou "domesticados", sujeitados à aculturação branca. A palavra "negros" articulada a "escravos", "índios" articulada a "escravizados" e "índios" articulada a "domesticados", enunciam a submissão destes povos ditos como não civilizados nesta temporalidade que considerava apenas o branco europeu, no caso, "português" civilizado. Esta marca de colonização e escravidão de povos não civilizados, não determina apenas o Brasil, mas a região da "Picada de Goiás" que englobava a região de Formiga-MG.

R4, além de enunciar a civilização e o não civilizado, enuncia a miscigenação e suas descendências. A palavra “miscigenação” funciona neste recorte articulada às palavras “portugueses”, “índios” e “negros”, sendo reescriturada pelo processo de substituição por “caldeamento das raças”. “Caldeamento das raças” funciona articulada às palavras “brancos” e “pardos” enunciando novamente a mestiçagem.

Tanto os recortes analisados com as designações marcadas nos acontecimentos de linguagem em que funcionam, como o gráfico do DSD4, evidenciam a importância do movimento da Picada de Goiás para o surgimento da cidade de Formiga-MG. Este movimento, era composto por portugueses, índios capturados ao longo do caminho e negros escravos. Devido aos longos dias de viagem e ausência de mulheres brancas, os bandeirantes acabavam se relacionando com as escravas e índias capturadas, formando uma nova raça de mestiços (mulatos, mestiços de brancos com negros e mamelucos, mestiços de brancos com índios) que compunham também a Picada. Percebe-se no texto oficial do site que em nenhum momento estes mestiços são enunciados, sendo apagados da história e assim, o ano de 1737 enuncia a civilização, como dito anteriormente, pois, os portugueses já haviam ocupado esta região, logo, está em sinonímia com esta cultura, apagando as demais.

O texto oficial da cidade, ao trazer a expressão “Picada de Goiás” e a temporalidade instaurada pelo ano de 1737, abriu perspectiva para migrar para outros textos a fim de identificar, por meio de outras designações, os povos e culturas presentes nesse movimento, trazendo a descendência brasileira, uma nova raça, mestiça, proveniente do caldeamento das raças dos portugueses e dos negros e índios escravizados, apagados no texto oficial.

Assim, “tropeiros” de R2, numa relação de sinonímia com “Picada de Goiás” de R1 e R4 e, “Caminho de Goiás” de R2, enuncia a mestiçagem, a formação de uma nova raça, uma etnia específica da região que hoje compreende Formiga-MG, marcando o processo de formação desta e da nação como um todo, além de marcar a ocupação do território pelos portugueses, exploração da terra, neste contexto, em função da mineração. Tem-se neste DSD4, o apagamento desta mestiçagem, pois, em momento algum, os tropeiros são trazidos como sinônimos desta mestiçagem no texto oficial que conta a história de Formiga, o texto base tomado como materialidade linguística destas análises.



RELEMBRANDO, AOS INTERESSADOS, O VÍDEO DOCUMENTÁRIO  
ENCONTRA-SE DISPONÍVEL NO ENDEREÇO ELETRÔNICO:

<https://youtu.be/t3aHFGgxvrc>



# SÍNTESE DA SEQUÊNCIA

## SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DA METODOLOGIA DE ENSINO: LEITURA DA CULTURA E HISTÓRIA LOCAL DAS CIDADES BRASILEIRAS

Por meio destes exemplos é possível identificar como foi desenvolvida cada uma das 4 etapas da análise linguística desenvolvida por Guimarães (2007; 2017; 2018), de modo que, com este conhecimento, os professores possam oportunizar aos alunos uma outra forma de ler os textos e de desenvolver o trabalho sobre a história e cultura de suas cidades.

A seguir encontra-se a síntese da sequência de aplicação da metodologia de leitura com a sugestão de socialização ao final da aplicação com elaboração de vídeos informativos contando o que conseguiram descobrir por meio de suas leituras e pesquisas.

Metodologia de Ensino	
Tema	Leitura da Cultura e História local das cidades brasileiras
Grupo atendido	Professores da Educação Básica
<p>Esta metodologia se justifica por oportunizar aos professores da Educação Básica, por meio da teoria Semântica do Acontecimento de Guimarães (2002; 2007; 2011; 2018), considerando o procedimento analítico de leitura denominado Domínio Semântico de Determinação, que conheçam e reflitam sobre a história de sua cidade, trazendo outras histórias silenciadas ou apagadas nos textos analisados e que evidenciam povos e culturas que ainda hoje constituem a identidade cultural de seus moradores.</p> <p>Os professores, vivenciando a metodologia, terão subsídios para depois aplicá-la com seus alunos, sejam de qualquer faixa etária, pois, compreendendo o processo, serão capazes de fazer as adequações necessárias para contemplar a todos, contribuindo assim para o desenvolvimento de competências e habilidades leitoras, além de dar suporte para que as crianças e adolescentes tornem-se cidadãos críticos, autônomos, comprometidos com o processo histórico, com a identidade, memória, patrimônio cultural, representação e cidadania, tornando-se capazes de atuar nesta sociedade e modificá-la.</p>	
Letramentos	Letramento em pesquisa, letramento impresso, letramento em informação e letramento multimídia.
Competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	Comunicação; Conhecimento, Argumentação, Empatia e Cooperação, Cultura Digital e Repertório Cultural
Habilidades/Objetivos de Desenvolvimento e Aprendizagem da BNCC	Nesta metodologia não serão elencados objetivos ou habilidades da BNCC, pois, entende-se que ela possa ser adaptada a qualquer faixa etária.
Objetivo Geral	Desenvolver habilidades e competências leitoras atrelado à aquisição de conhecimento sobre a história e cultura local do município por meio de textos que contam sua história de formação.
Tempo	Total: 30 dias em média
Suporte técnico	Textos que contam a história de formação dos municípios divulgados em site oficial das prefeituras (online ou impressos) ou em outros repositórios oficiais; Processador de texto: Microsoft word; Sites de pesquisa: google, yahoo etc.; Gravação de vídeo e edição: equipamento como celular, câmera ou tablet e software de edição gratuito iMovie; Movie Maker; In Shot.

LINGUAGEM	
Funções	Narrativa, informativa e comunicativa
Competências	Ler (interpretar e sintetizar informações), escrever (produzir textos), falar, criar vídeos informativos.
RECURSOS E MÓDULOS	
MÓDULO 1 – INTRODUÇÃO DO TEMA COMPETÊNCIA SABER: CONTEÚDOS CONCEITUAIS	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador/celular para cada participante ou dupla, com acesso à internet para vídeo conferência.</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador e um projetor para o professor/tutor, com acesso à internet, atendendo a grupos de participantes respeitando o distanciamento social.</p> <p>Versão zero tecnologia: texto impresso com as questões que nortearão a roda de conversa, para ser executada com os participantes tendo a mediação do professor/tutor.</p>
<p>INTRODUÇÃO DO TEMA:</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Realizar levantamento dos conhecimentos prévios dos participantes referente ao conhecimento da história e cultura de sua cidade;</li> <li>Introduzir o tema, explicando o projeto e já dividindo os grupos de pesquisadores de cada cidade/município.</li> </ul> <p>Nesta etapa da sequência, os participantes da formação serão questionados, numa roda de conversa, sobre o que sabem a respeito das histórias de formação de suas cidades, onde buscam estas informações, o que existe hoje na cidade que comprova esta versão, se existem outras representações culturais ou artefatos culturais que distinguem das informações dadas a respeito do surgimento de suas cidades e se acreditam na importância deste tipo de conhecimento sobre a história de suas cidades.</p> <p>A intenção é que, nesta roda de conversa, já seja iniciado o tema de estudo, para que os participantes possam acionar seus conhecimentos prévios, lembrando inclusive que este costuma ser um conteúdo abordado nas escolas, mostrando a relevância da proposta. Em seguida, o professor/tutor, apresentará a proposta de análise deste guia, organizando-se como achar mais adequado de acordo com a faixa etária dos envolvidos (se trabalharão todos coletivamente, se formarão grupos etc.).</p> <p>Avaliação: Processual avaliando a interação dos alunos com o tema, curiosidade, etc.</p>	
MÓDULO 2 – A TEORIA COMPETÊNCIA SABER: CONTEÚDOS CONCEITUAIS	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador/celular para cada participante ou dupla, com acesso à internet para vídeo conferência.</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador e um projetor para o professor/tutor, com acesso à internet, atendendo a grupos de participantes respeitando o distanciamento social.</p> <p>Versão zero tecnologia: texto impresso com as questões que nortearão a roda de conversa, para ser executada com os participantes tendo a mediação do professor/tutor.</p>
<p>A TEORIA:</p> <p>Objetivo específico:</p>	



- Socializar com os participantes os pontos principais da teoria sendo: o que é a Semântica do Acontecimento e sua relação com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC; Conceitos sobre análise e estudo dos nomes dos municípios na perspectiva semântico-enunciativa; Conceitos que envolvem o processo analítico Domínio Semântico de Determinação - DSD;

Neste módulo, a teoria é apresentada e pode ser estudada por qualquer pessoa, com ou sem familiaridade com esta. Os slides da explicação encontram-se em anexo (1) e pode ser também retomada no link a seguir: [https://drive.google.com/file/d/15n7EAV9-f\\_zMK3WEntot51EaWuCrWSu-/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/15n7EAV9-f_zMK3WEntot51EaWuCrWSu-/view?usp=sharing)

Avaliação: Pode ser realizada em rodas de conversa sobre a teoria, retomada de exemplos dados pelos estudantes considerando a teoria, quiz com perguntas sobre esta, etc.

<p>MÓDULO 3 – DIAGNÓSTICO INICIAL: LEITURA, LEVANTAMENTO DAS REESCRITURAS ANÁLISES E PRODUÇÃO DOS DSDs</p> <p>COMPETÊNCIA SABER E SABER-FAZER: CONTEÚDOS CONCEITUAIS E ATITUDINAIS</p>	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador/celular para cada participante ou dupla, com acesso à internet para vídeo conferência.</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador e um projetor para o professor/tutor, com acesso à internet, atendendo a grupos de participantes respeitando o distanciamento social.</p> <p>Versão zero tecnologia: texto impresso com as questões que nortearão a roda de conversa, para ser executada com os participantes tendo a mediação do professor/tutor.</p>
--	--

DIAGNÓSTICO INICIAL: LEITURA E LEVANTAMENTO DAS REESCRITURAS:

Objetivos específicos:

- Identificar, numa primeira leitura realizada, quais os povos e culturas os participantes identificam no processo de formação do território;
- Vivenciar, coletivamente, o processo de análise semântico-enunciativo do processo de (re)nomeação do município de Formiga-MG, tendo como materialidade linguística o texto que conta a história do município disponível no site oficial da prefeitura, seguindo, dentro da teoria Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2005), com uso do dispositivo analítico Domínio Semântico de Determinação, DSD de Guimarães (2007; 2011; 2018), os movimentos trazidos pelo autor (2011);
- Reconhecer o texto selecionado para a pesquisa de seu grupo, realizando leitura deste, disponibilizado no site oficial da prefeitura contando a história do município: pesquisa realizada no site oficial da prefeitura do município ou no site oficial do IBGE; para aquelas cidades que não possuem informações em seus sites;
- Registrar e definir as designações, ou seja, as reescrituras das nomeações e renomeações dos municípios, presentes nos textos, que evidenciam os povos e culturas que já estiveram presentes na região, mesmo que de forma implícita (silenciados ou apagados);
- Migrar para outros textos, com a finalidade de interpretar as reescrituras e determinações levantadas nas análises;
- Analisar, reescrituras considerando o dispositivo analítico Domínio Semântico de Determinação, DSD, proposto por Guimarães (2007).

Esta etapa poderá ser dividida em vários momentos segundo necessidade como exemplificado a seguir:

**1ª) Reconhecer o texto. Nesta etapa, os participantes devem buscar o texto que servirá de base para as análises. O texto deve contar a história da cidade e estar publicado em meio oficial, podendo ser o site oficial do município ou o texto publicado no site oficial do IBGE ou ainda em documentos oficiais do município.**

O reconhecimento do texto pressupõe a localização deste e leitura na íntegra, como reconhecimento da materialidade linguística a ser analisada.

Nesta etapa desenvolve-se o letramento em pesquisa e o letramento em informação. O primeiro, diz respeito à capacidade de fazer uso de estratégias apropriadas de busca para localizar o que deseja, sua “funcionalidade plena, bem como suas limitações” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 38). Este letramento está relacionado ao meio tecnológico, entretanto, em se tratando de pesquisas, mesmo que sejam pesquisas em materiais impressos ou em organizações como uma Prefeitura, as crianças e adolescentes precisam saber se organizar para elaborar as perguntas que as encaminharão para as respostas desejadas, ou seja, ao realizar pesquisas em um livro, saber o que procurar é fundamental, do mesmo modo que, a busca por documentos em instituições deve ser orientada pelas palavras-chave mais apropriadas. Desta forma, o letramento em pesquisa, muito além de estratégias e recursos digitais para qualificar a pesquisa em ambientes virtuais, como uso de operadores booleanos “AND” – usado para localizar informações sobre dois temas distintos-, “OR” – usado entre sinônimos de componentes de busca, recuperando informações de um ou outro tema - ou “NOT” – utilizado para excluir um determinado assunto da busca - , pressupõe a melhor utilização de palavras, de sinônimos que representem o objeto a ser pesquisado, o que pode ser levado para outros ambientes, não apenas virtuais.

Além disso, o professor/tutor poderá intermediar as pesquisas, orientando as crianças a perceberem que, no caso da internet, os mecanismos de busca possuem limitações e inclinações para “o comercial, o popular, o recente e, cada vez mais, para o pessoalmente relevante” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 37) podendo não atender às necessidades da busca desejada.

O letramento em informação que será também oportunizado nesta etapa, significa, segundo os autores Dudeney, Hockly e Pegrum, a “habilidade de avaliar documentos e artefatos fazendo perguntas críticas, avaliando a credibilidade, comparando fontes e rastreando as origens da informação” (2016, p. 40). Ao adentrar nas pesquisas, as crianças e adolescentes deverão refletir sobre as informações coletadas, com a mediação do professor analisar quais sites, no caso de pesquisas on-line, são confiáveis e porque o são, e quais não são e como fazer para identificar estas questões. As crianças podem, por exemplo, utilizar informações da Wikipédia, um site com informações no estilo de enciclopédia alimentado pelos próprios usuários.

Atualmente, segundo os autores Gile (2005) apud Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), pelo número de usuários, expressões muito buscadas dificilmente contém erros e podem até ser confiáveis, mas é preciso refletir que, senso alimentado pelos usuários, podemos encontrar fraudes, e como nos precaver? Esta é uma questão que poderá abordada em aula e, para tanto, após a coleta das informações (texto que conte a história da cidade e esteja em meio oficial), as crianças/adolescentes deverão socializar os instrumentos que utilizaram para a pesquisa e quais as fontes, realizando assim uma roda de conversa direcionada sobre o tema, com exposição dialogada resultando ou não em novas pesquisas caso seja necessária a comprovação das informações. Caso tenham utilizado meios impressos, estes deverão ser socializados com a explicação sobre onde e como conseguiram o material, colaborando assim para a ampliação das estratégias de busca possíveis e, mais uma vez, desenvolvendo o letramento em informação, pois, as fontes escritas podem também não ser confiáveis e é preciso refletir sobre quais dados oferecem a credibilidade da fonte.

Avaliação do 1 observando como os estudantes localizam o texto oficial, mecanismos de busca utilizados, fontes seguras etc.

**2ª) Registrar e definir as designações, ou seja, as reescrituras e articulações presentes nas nomeações e renomeações dos municípios. Nesta etapa, com o texto selecionado, deve-se realizar uma releitura deste, buscando palavras ou expressões que respondam às questões: Que povos estiveram ali?**

Que cultura instituíram ou instituem? Os nomes que a cidade já teve vão trazer estes indícios e estes nomes estabelecem relações com outras palavras, por reescrituras ou articulações.

A cada palavra ou expressão sublinhada, deve-se refletir sobre: O que este trecho nos enuncia? Qual acontecimento ele marca? Como ele traz povos e culturas? Importante registrar essas reflexões, porque elas podem levar à busca de outros textos que possibilitem que a construção dos sentidos pretendidos seja alcançada.

Esta etapa, realizada com crianças ou adolescentes, deverá, inicialmente, ser coletiva, para que se apropriem do procedimento e das competências necessárias para que possam fazer autonomamente em outras oportunidades.

Avaliação: observação das designações marcadas. Elas têm relação com os sentidos que se busca construir? Consideraram reescrituras? Marcaram articulações relevantes para a constituição dos sentidos? Identificaram acontecimentos memoráveis? Etc.

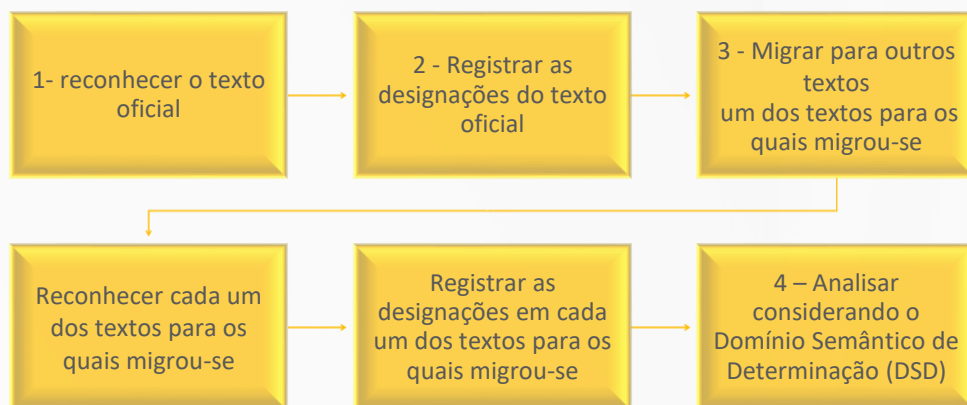
**3ª) Migrar para outros textos. Nesta etapa, os participantes vivenciarão o processo de migrar para outros textos a fim de identificar informações relevantes para a elaboração dos DSDs e sua interpretação, constituindo os sentidos e identificando de fato os povos e as culturas que estiveram presentes nos processos de (re)nomeação dos municípios analisados.**

Importante considerar o que é um texto dentro da teoria tomada como base, Semântica do Acontecimento. Texto é tudo aquilo que produz um sentido, uma palavra pode ser um texto, uma imagem, datas, vídeos, narrativas orais, textos escritos, arquitetura, entre outras possibilidades.

Ao solicitar que os estudantes façam esta busca por outros textos, desenvolverão, novamente, o letramento em pesquisa e em informação, além do letramento impresso, ao registrarem suas buscas ou registrarem o que devem buscar. Um exemplo de registro sobre o que buscar seria, por exemplo, ao final da síntese sobre os povos e culturas que as reescrituras e articulações marcadas no texto inicial possibilitaram, a produção de um roteiro de gravação para a busca de narrativas orais da cidade pesquisada. Nem todas as informações sobre a cidade devem ser registradas, apenas aquelas que têm relação com as questões: Que povos estiveram ali? Que cultura instituíram ou instituem?

A elaboração desse roteiro pode e deve ser orientada pelo professor/tutor, contando com a participação da comunidade escolar e familiares. Sugere-se que seja feita uma busca na cidade sobre elementos, pessoas, lugares e documentos que possam falar sobre as culturas evidenciadas, contar mais sobre a história desses povos. Com este levantamento, deve-se pensar na ordem das visitas, o que será registrado com vídeo, o que será registrado com imagens fotográficas, quem serão as pessoas entrevistadas, quais perguntas fazer, quem vai fazer, quem vai filmar etc.

Nesta etapa 3, para cada texto migrado, as etapas 1 e 2 devem ser refeitas, ou seja, estes textos para os quais migrar-se, devem ser reconhecidos e terem suas designações registradas. Assim, até o momento, tem-se as ações, sendo a 4ª, a última a ser realizada:



Segue exemplo de recorte de texto com as designações:

Recorte 1: retirado do texto oficial da cidade (2ª etapa)

**RECORTE 1:** “[...] mas foi em **1723** que **Diogo Bueno** adentrou na região para **descobrir e povoar** o **Sertão do Rio Grande e Capivari** [...] e Provavelmente no **início do século XVIII**, diz a história que **Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, ou Diabo Velho na língua indígena**, numa de suas históricas diligências descobriu os afortunados mananciais do Rio Vermelho, nascente do Araguaia.”(PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d, online)

Recorte 2: retirado de um texto para o qual migrou-se (3ª etapa)

**RECORTE 2:** “Em **1765**, foi organizada uma expedição exploratória do oeste de Minas, [...] tendo como chefe o Mestre de **Campo Inácio Correia Pamplona**, que efetivamente promoveu a colonização e a definitiva ocupação daquela região, com a distribuição de sesmarias. [...]Ao passarem pelo sítio onde se situa agora **a cidade de Formiga**, dada a semelhança do lugar com os **ilhéus [das Formigas]**, aqui, como lá, consistentes de escarpas sobre o rio e lá sobre o mar, deram a esse rio o nome de Rio [das Formigas], denominação que passou ao povoado que se formou. **Paragem do Rio Formiga**, depois, **Vila do Rio Formiga**, denominação que foi confirmada como a cidade de Formiga”. Retirado do site da câmara de vereadores de Formiga-MG. (CAMARA MUNICIPAL DE FORMIGA, s/d. online)

Avaliação observando a busca por outros textos seguindo os moldes da avaliação das etapas 1 e 2 anteriores.

**4ª) Analisar, reescrituras considerando o dispositivo analítico Domínio Semântico de Determinação, DSD. Nesta etapa, os estudantes vivenciarão o processo de elaboração dos DSDs, reconhecendo os símbolos e sua organização, bem como a escrita das legendas dos gráficos.**

A elaboração dos gráficos de DSD podem ser pensados como um mapa mental, com símbolos específicos que marcam as palavras que determinam outras, que instituem sentidos de sinonímia e ou antonímia, por exemplo. Os símbolos trazidos por Guimarães (2007, p. 81) são:

⊢ ou ⊣ ou ⊥ ou ⊤ que significam determinam, a exemplo, “[...] y ⊢ x significa x determina y, ou x ⊣ y significa igualmente x determina y); — que significa sinonímia; e um traço como \_\_\_\_\_, dividindo um domínio, significa antonímia.”

Percebam que os símbolos que significam “determinam”, a palavra que determina é aquela que tem o traço voltado para si. Nesta etapa, com todas as palavras designadas (marcadas) em todos os textos para os quais migrou-se, ou seja, nos recortes de texto utilizados e com as reescrituras e articulações marcadas, constrói-se as relações de sentido entre elas.

A cada gráfico de DSD elaborado, deve-se registrar sua **legenda**, como se lê o gráfico e registrar os **resultados e discussão dos resultados**, ou seja, o que foi possível perceber em cada um dos recortes analisados, a relação das palavras designadas umas com as outras, o memorável presente nos recortes, a cena enunciativa e o que enunciam, de modo que a interpretação do gráfico seja discutidas considerando todos os elementos da teoria utilizada como base, Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002; 2007; 2017; 2018).

Avaliação considerando os gráficos organizados e o registro dos resultados e discussão dos resultados.

<p>MÓDULO 4 – PRODUÇÃO DO VÍDEO INFORMATIVO</p> <p>COMPETÊNCIA SABER-FAZER E SABER-SER: CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS E ATITUDINAIS</p>	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador, tablete, celular ou câmera filmadora para cada participante (em casa ou na escola)</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador, tablete, celular ou câmera filmadora da escola/universidade para ser usado por todos com horário pré-agendado e respeitando os protocolos sanitários.</p> <p>Versão zero tecnologia: não haveria produção de vídeo, mas os participantes poderiam elaborar o roteiro escrito e encenar a apresentação que seria gravada caso tivessem recursos.</p>
--	---

PRODUÇÃO DO VÍDEO:

Objetivos específicos:

- Produzir roteiro de vídeo escrito com as informações sobre a cidade, considerando o gênero comunicativo de vídeos informativos e roteiro sugerido em anexo (1);
- Produzir a gravação de vídeo considerando o poder de argumentação com o objetivo de divulgar informações acerca da presença de povos e culturas na história das cidades pesquisadas;
- Editar vídeos para apresentação;

Após o levantamento dos dados da pesquisa feita pelos participantes acerca de informações que comprovem a presença da cultura dos povos identificados nas análises semântico-enunciativas dos processos de (re)nomeação das cidades, deve-se elaborar o roteiro do vídeo informativo. Esta etapa, realizada com os estudantes, oportunizará que se apropriem das informações coletadas para que possam pensar em como transmiti-las por meio de recursos multimídias.

Será preciso mobilizar uma série de competências, como a de ler e interpretar informações, elaborar textos com o objetivo de roteiro a ser seguido, organizar funções dentro do trabalho, para garantir que seja realizado por todos e de maneira eficiente, entre outras.

No que diz respeito à escrita propriamente dita, os estudantes desenvolverão o letramento impresso, fazendo uso de conhecimentos sobre leitura, escrita, gramática e variedades do discurso que será necessário para o gênero pretendido, roteiro. Neste, deverão já estabelecer os papéis de cada um na elaboração do vídeo, delimitando as funções, seja na exposição oral, na gravação, na edição, na organização do espaço ou outras funções. Além de redigir o texto baseados nas informações coletadas sobre a presença da cultura dos povos identificados. Este texto deverá ter o conteúdo histórico pretendido, os aspectos da linguagem oral que serão utilizados na explanação e gravação, as etapas do vídeo e das falas, os momentos de inclusão de imagens ou elementos concretos (caso o tenham), e a finalização ou despedida. Como dito a priori, os participantes deverão fazer uso de uma série de habilidades, desde a leitura e interpretação da pesquisa realizada, como a reelaboração dos conceitos e tradução destes para a linguagem utilizada em vídeos informativos e organização do passo a passo da filmagem. Como o gênero roteiro não é muito usual, segue um modelo para sua elaboração.

Neste momento, poderão fazer uso dos vídeos já produzidos na etapa 3 (migrar para outros textos), produzindo apenas a um roteiro de organização do material que já possuem, como um roteiro de edição, com as narrações ou textos escritos que serão necessários para evidenciar os povos e culturas presentes nas imagens. Caso seja necessário, poderão buscar novas imagens para complementar as que já possuem.

Esta etapa, será desenvolvido o letramento multimídia, pois, aprenderão a criar mensagens áudio visuais que se integrem com o texto escrito e ou objetos que possam ter elencado para uso, refletindo sobre como fazer com que sua comunicação seja eficiente ao ponto de atingir o maior número possível de pessoas, independentemente de seu grau de instrução. Neste íterim, a competência da argumentação se faz presente no sentido da retórica, onde os participantes farão uso de argumentos para atingir a um determinado objetivo, que seria levar informações silenciadas ou apagadas para os moradores das cidades selecionadas. A linguagem utilizada deve ser adequada ao meio de comunicação utilizado e haverá o desenvolvimento do protagonismo dos participantes, pois, terão que se informar e preparar o conteúdo, bem como o discurso, para quem vai os assistir.

As gravações podem acontecer com recursos próprios, como celulares e as edições, com ferramentas simples e de fácil acesso como: Vídeo Pad, iMovie, Movie Maker ou In Shot (para celulares), entre outros.



O resultado se tornará material didático que subsidia o trabalho de vários professores sobre o tema, bem como um patrimônio cultural da cidade, contando outras histórias, outros povos e culturas que estiveram presentes em sua constituição.

Avaliação acerca da participação dos estudantes para a elaboração do vídeo: funções, organização, busca de informações, criatividade etc,

<p>MÓDULO 5 – PRODUÇÃO FINAL: SOCIALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO                  AVALIAÇÃO                  COMPETÊNCIA SABER-SER: ATITUDINAIS</p>	<p>Versão alta tecnologia: Equipamento: um computador para cada participante com acesso à internet para vídeo conferência.</p> <p>Versão baixa tecnologia: Equipamento: um computador, da escola/universidade com um projetor, para ser usado coletivamente respeitando os protocolos sanitários.</p> <p>Versão zero tecnologia: não haveria apresentação do vídeo, mas os participantes poderiam representar, apresentando ao vivo respeitando os protocolos sanitários.</p>
---	---

**PRODUÇÃO FINAL: SOCIALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO:**

Objetivo específico:

- Socializar as produções com foco em autoavaliação e ampliação do repertório e conhecimentos.

A etapa final consiste em apresentação dos vídeos e análises aos demais participantes e professor tutor, após a finalização. Esta é a fase da socialização das produções, em que os participantes terão oportunidade de conhecer o trabalho dos demais grupos, visualizar suas estratégias e se autoavaliarem.

Quando estiverem assistindo aos seus vídeos e aos vídeos dos demais participantes poderão refletir sobre os conteúdos apresentados e a criatividade do grupo, atribuindo conceitos à sua própria atuação na elaboração da atividade como um todo, além de refletirem sobre o poder de conhecimento oferecido pela leitura na perspectiva semântico-enunciativa.

# REFERÊNCIAS

---

ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como se faz) sequência didática?. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, p. 322-334, jan./jul, 2013.

Disponível em:

<http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/46/texto%201%20Aula%205.pdf> . Acesso em: 16 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular**: BNCC, 2017b. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 14 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio, 2018a. Disponível em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf). Acesso em 23 abr. 2020.

BRASIL. República Federativa do Brasil. Ministério da Educação, MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP. Diretoria de Avaliação da Educação Básica, DAEB. **Relatório Brasil no PISA 2018**: versão preliminar. Brasília, DF. Inep/MEC, 2019. Disponível em:

[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf). Acesso em 05 nov. 2020.

BOLETIM CULTURAL E MEMORIALÍSTICO DE SÃO TIAGO E REGIÃO. **Sabores e saberes**. Ano XIV, nº CLV, ago. 2020. Disponível em:

[file:///C:/Users/Ana%20Carolina/Downloads/Edi%C3%A7%C3%A3o%20155%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ana%20Carolina/Downloads/Edi%C3%A7%C3%A3o%20155%20(1).pdf) . Acesso em 27 jul. 2021.

CAMARAMUNICIPALDEFORMIGA. **Cidades das areias brancas**. História, s/d, online. Disponível em: <https://www.camaraformiga.mg.gov.br/historia/> . Acesso em 20 jul. 2021.

CAPITAODOMINGOS. **Capitão de Ordenanças Domingos da Silva e Oliveira**. Capitão Domingos, jan. 2008. Online. Disponível em:

<https://capitaodomingos.com/000-vila-de-formiga-itapecirica-e-a-picada-de-goias-construida-pelos-rodriques-gondim/> . Acesso em 25 jun. 2021.

DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas, SP, Ed. Pontes, 2018.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY Nicky; PEGRUM, Mark; tradução Marcos Marcionilo. **Letramentos Digitais**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. direito de errar. In: **Erro e fracasso na escola**[S.l: s.n.], 1997.

# REFERÊNCIAS

- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Domínio Semântico de Determinação**. A Palavra: Forma e Sentido. Campinas, SP: RG/Pontes, 2007.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de Texto** – Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas, SP: Ed. RG, 2017.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica Enunciação e Sentido**. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2018.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Apresentação**: Sobre a Ressignificação política do espaço em torno de nomes próprios de lugares. In. DALLA PRIA, Albano; GUIMARÃES, Eduardo; DIAS, Luiz Francisco; KARIM, Taisir Mahmudo (org.). Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras: um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso (Fase III). 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- HISTÓRIAS de Formiga: descendências e suas culturas. Ana Carolina Sandroni-Santos. Guaxupé-MG, 2021. 1 vídeo (22:51min.). Disponível em: <https://youtu.be/t3aHFGgxvrc> . Acesso em 03 ago. 2021.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora**: uma relação dialógica na construção do conhecimento. **Centro de Referência em Educação Mário Covas**: Série Ideias, n. 22., p. 51-59. São Paulo: FDE, 1994. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_22\\_p051-059\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_22_p051-059_c.pdf). Acesso em 18 jun. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Brasil 500 anos**: território brasileiro e povoamento. Negros. Regiões de origem dos escravos negros. 2020. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/regioes-de-origem-dos-escravos-negros.html> . Acesso em 03 de nov. 2020.
- KARIM, Taisir Mahmudo. **Dos nomes à história** – o processo constitutivo de um estado: Mato Grosso. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Liguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2012.
- MOVIMENTO PELA BASE NACIONAL COMUM. **Dimensões e desenvolvimento das competências gerais da BNCC**. Movimento pela Base Nacional Comum Center for Curriculum Redesign, 2018. Disponível em: [http://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2018/03/BNCC\\_Competicencias\\_Progressao.pdf](http://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2018/03/BNCC_Competicencias_Progressao.pdf) . Acesso em: 14 mai. 2020.

# REFERÊNCIAS

---

- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas, S. R: Editora da Unicamp, 1995, 189 págs.
- PÁDUA, Andréia Aparecida da Silva de. A sobrevida da marcha para o oeste. **Estudos**, Goiânia, v. 34, n. 7/8, p. 623-643, jul./ago. 2007. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/viewFile/402/333> . Acesso em 23 nov. 2020.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA. **Turismo**: História de Formiga. s/d.a, online Disponível em: [https://www.formiga.mg.gov.br/?pg=14&id\\_busca=18](https://www.formiga.mg.gov.br/?pg=14&id_busca=18). Acesso em 19 jan. 2021.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FORMIGA. **Turismo**: Origem do nome. s/d.b, online. Disponível em: [https://www.formiga.mg.gov.br/?pg=14&id\\_busca=15](https://www.formiga.mg.gov.br/?pg=14&id_busca=15) . Acesso em 19 jan. 2021.
- REZENDE, A. M. N. **Fluxos Globais no século XVIII**: A produção do modus vivendi e operandi no entorno da estrada real Picada de Goiás. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Universidade Federal de Minas Gerais, p. 320. 2017
- SOUSA, Sandra Maria Zákia Lian. **Avaliação escolar e democratização**: o direito de errar. In: **Erro e fracasso na escola**[S.l: s.n.], 1997.
- VIEIRA, Marta de Paula. **Atlas dos nomes que dizem histórias das cidades brasileiras** – Um estudo semântico-enunciativo do Mato Grosso. Línguas e Instrumentos Linguísticos. nº 39, jan-jun, 2017. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao39/resenha.pdf> . Acesso em: 22 jul. 2021.

# FICHA DE AVALIAÇÃO DO PTT



Mestrado Profissional em  
**GESTÃO,  
PLANEJAMENTO  
e ENSINO**

**UninCor**  
Universidade Vale do Rio Verde

## ANEXO I: FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO TÉCNICO/TECNOLOGICO

IES: Universidade Vale do Rio Verde- UNINCOR  
Discente: Ana Carolina Ribeiro Sandroni dos Santos  
Título da Dissertação/Tese: CULTURA E HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL NOS PROCESSOS DE (RE)NOMEAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS: UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE LEITURA SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA  
Título do Produto Técnico/Tecnológico LEITURA DA CULTURA E HISTÓRIA LOCAL DAS CIDADES BRASILEIRAS: Guia didático para professores  
Orientadora: Profª. Drª. Jocyare Cristina Pereira de Souza  
Coorientador (se houver): \_\_\_\_\_

### FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PTT)

Critério 1- Ter URL própria \_\_\_\_\_

DIMENSÕES AVALIADAS		CRITÉRIOS DO QUALIS EDU	NOTAS POSSÍVEIS	NOTA MÁXIMA	NOTA FINAL DO PTT
<b>Complexidade</b> - compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional. *Mais de um item pode ser marcado.	(x) O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese. (x) A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE. (x) Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese. (x) Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.	<b>DESENVOLVIMENTO</b> 1: baixa complexidade (apenas 1 item marcado pela banca de defesa); 2 pontos: média complexidade (apenas 2 itens marcados pela banca de defesa); 3 pontos: alta complexidade (3 ou mais itens marcados pela banca de defesa)	1, 2 ou 3	3	7
		<b>VALIDAÇÃO</b> 0 pontos: não validado; 1 ponto: validado por comitê ad hoc; 2 pontos: validado por órgão de fomento; 4 pontos: validado por banca de dissertação/tese;	0, 1, 2 ou 4	4	
<b>Registro:</b> O produto possui registro para acesso público?	(x) sim ( ) não	<b>REGISTRO</b> 0 pontos: sem registro; 2 pontos: com registro em sistema de informações em âmbito nacional ou internacional.	0 ou 2	2	2

#### UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000  
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333  
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500  
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288  
Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



Mestrado Profissional em  
**GESTÃO,  
PLANEJAMENTO  
e ENSINO**

**UninCor**  
Universidade Vale do Rio Verde

		Exemplos: Creative Commons, ISBN, ISSN, ANCINE, Registro de software, Registro de Domínio, Certificado de Registro Autoral, Registro ou Averbação na Biblioteca Nacional, registros de patentes e marcas submetidos ao INPI, outros.			
<b>Impacto</b> - considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. É importante destacar se a demanda foi espontânea ou contratada.	( ) Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do discente. (x) Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do discente.	<b>UTILIZAÇÃO/APLICAÇÃO NO SISTEMA</b> (educação/ saúde/cultura/ CT&I) 0 pontos: quando não utilizado (protótipo, por exemplo); 3 pontos: com aplicação no sistema local, municipal, estadual, nacional ou internacional.	0 ou 3	3	3
<b>Aplicabilidade</b> - relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso e compartilhamento que o PTT possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas.	( ) PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa. (x) PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado. (x) PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição.	<b>APLICABILIDADE</b> 1 ponto: aplicável; 3 pontos: aplicável e aplicado; 5 pontos: aplicável, aplicado e replicável	1, 3 ou 5	5	5
<b>Acesso</b> - relaciona-se à forma de acesso do PTT.	( ) PE sem acesso. ( ) PE com acesso via rede fechada. (x) PE com acesso público e gratuito. ( ) PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. ( ) PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou	<b>ACESSO</b> 0 pontos: sem acesso; 1 ponto: acesso via rede fechada; 3 pontos: acesso por Portal nacional ou internacional, Youtube, Vimeo e outros com acesso público e gratuito; 4 pontos: acesso pela página do programa com acesso público e gratuito; 6 pontos:	0, 1, 3, 4 ou 6	6	6

#### UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000  
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333  
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500  
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288  
Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089





Mestrado Profissional em

**GESTÃO,  
PLANEJAMENTO  
e ENSINO****UninCor**  
Universidade Vale do Rio Verde

	internacional - com acesso público e gratuito.	acesso em repositório institucional, nacional ou internacional, com acesso público e gratuito (ex. Educapes)			
<b>Aderência</b> – compreende-se como a origem do PTT apresenta origens nas atividades oriundas das linhas e projetos de pesquisas do PPG em avaliação.	( ) Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. ( x ) Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado.	<b>ADERÊNCIA</b> 0 pontos = sem aderência às linhas e projetos de pesquisa do programa stricto sensu, 2 pontos = com aderência às linhas e projetos de pesquisa do programa stricto sensu	0 ou 2	2	2
<b>Inovação</b> – considera-se que o PTT é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revisitado de forma inovadora e original.	( x ) PE de alto teor inovador (x) desenvolvimento com base em conhecimento inédito). ( ) PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos). ( ) PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)).	<b>INOVAÇÃO</b> 1 ponto: baixo teor inovador; 3 pontos: médio teor inovador; 5 pontos: alto teor inovador	1, 3 ou 5	5	5

Pontuação total do PTT (0-30 pontos) \_\_\_\_\_

**Extratos e tabela de conversão**

Edu1	200	27 – 30	Avaliação de PTT – Edu 1 - 30
Edu2	120	23 – 26	
Edu3	80	15 - 22	
Edu4	40	5 – 14	
Edu5	10	1 – 4	
EduNC	----	----	

Breve relato sobre a abrangência e/ou a replicabilidade do PE): Uma proposta muito bem elaborada e fundamentada teoricamente, faz jus a um trabalho acadêmico de ponta.

**UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE**

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000  
 Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333  
 Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500  
 Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288  
 Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



Mestrado Profissional em

**GESTÃO,  
PLANEJAMENTO  
e ENSINO****UninCor**  
Universidade Vale do Rio Verde

Assinatura dos membros da banca:

Presidente da banca: \_\_\_\_\_

Membros internos: \_\_\_\_\_

Membro externos: Taisir Mahmudo Karim  
UNEMAT  
Luiz Francisco Dias  
UFMG

Data da defesa: 25/08/2021

Obs: Todos os avaliadores são membros externos

**UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE**

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000  
 Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333  
 Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500  
 Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288  
 Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



# FICHA DE VALIDAÇÃO DO PTT



Mestrado Profissional em  
**GESTÃO,  
PLANEJAMENTO  
e ENSINO**



## FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO EDUCACIONAL

### IDENTIFICAÇÃO DO PTT

#### Dados básicos

Nome do(a) Mestrando(a): Ana Carolina Ribeiro Sandroni dos Santos

Título do Produto Técnico/Tecnológico (PTT): LEITURA DA CULTURA E HISTÓRIA

LOCAL DAS CIDADES BRASILEIRAS: Guia didático para professores

Título da Dissertação: CULTURA E HISTÓRIA LOCAL/REGIONAL NOS PROCESSOS DE (RE)NOMEAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS: UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE LEITURA SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA

Data da banca: 24/08/2021

Possui autorização do Comitê de ética (CEP)? ( x ) Sim ( ) Não

#### Público destinado

- ( x ) Professores da educação básica
- ( x ) Estudantes do ensino fundamental
- ( x ) Estudantes do ensino médio
- ( ) Gestores escolares
- ( ) Gestores municipais de educação

#### Tipo de produto educacional

- ( ) Sequência didática
- ( x ) Material didático
- ( x ) Vídeos
- ( ) Páginas na internet
- ( ) Jogos pedagógicos digitais
- ( ) Processos de gestão escolar
- ( ) Processos de gestão de pessoas nas escolas
- ( ) Projetos de gestão para a escola e/ou para escola/comunidade
- ( ) Outros - Descrever:

Possui URL?

( x ) Sim ( ) Não

Se sim, qual:

Vincula-se à temática da dissertação?

( x ) Sim ( ) Não

Vincula-se ao projeto de pesquisa e à linha de pesquisa?

( x ) Sim ( ) Não

#### Elementos constitutivos do PTT

a. Possui sumário? ( x ) Sim ( ) Não

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE  
Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000  
Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333  
Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500  
Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288  
Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089



- b. Possui orientações ao professor? ( x ) Sim ( ) Não  
c. Possui orientações ao estudante? ( x ) Sim ( ) Não  
d. Possui objetivos/finalidades claros? ( x ) Sim ( ) Não  
e. Possui metodologia específica do PTT? ( x ) Sim ( ) Não  
f. Possui referências? ( x ) Sim ( ) Não  
g. Possui layout adequado à solução do problema da dissertação? ( x ) Sim ( ) Não  
h. Possui ilustrações adequadas? ( x ) Sim ( ) Não

#### Aplicação do PTT

- a. Foi aplicado? ( x ) Sim ( ) Não  
Se sim, onde? \_\_\_\_\_  
b. Pode ser aplicado em outros contextos de ensino? ( x ) Sim ( ) Não  
c. O produto foi aplicado em que condição?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

d. A aplicação do produto envolveu:

- ( ) Alunos do ensino fundamental  
( ) Alunos do ensino médio  
( x ) Professores do ensino básico  
( ) Professores do ensino superior  
(...) Diretores de escola  
(...) Coordenadores pedagógicos  
(...) Outros membros da comunidade escolar  
(...) Gestão escolar municipal

#### MEMBROS DA BANCA

Presidente: Prof. Dra. Jocyare Cristina Pereira de Souza (UninCor)

Membro 01: Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim (UNEMAT)

Membro 02: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias (UFMG)

O produto educacional foi considerado:

- ( x ) Aprovado  
( ) Aprovado com modificações  
( ) Reprovado

Nota atribuída pela banca ao PTT\*: 10,00 Leia-se 30,00

Classificação do PTT no Qualis Edu 1

\*Atribuição da nota, vide ficha em anexo neste mesmo documento

Presidente

Três Corações, 25 de agosto de 2021

Membro da banca  
Luiz Francisco Dias

Taisir Mahmudo Karim

Membro da Banca

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações: Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - Três Corações/MG / CEP: 37417-150 - (35) 3239-1000

Belo Horizonte: Av. Amazonas, 3.200 - Prado - Belo Horizonte/MG / CEP: 30411-186 - (31) 3064-6333

Betim: Rua Santa Cruz, 750 - Centro - Betim/MG / CEP: 32600-028 - (31) 3514-2500

Caxambu: Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - Caxambu/MG / CEP: 37440-000 - (35) 3341-3288

Pará de Minas: R. José Bahia Capanema, 440 - João Paulo II - Pará de Minas/MG / CEP: 35661-060 - (37) 3232-2089